

ÂNGELO DE OLIVEIRA MENEGUZZI

**Construções das masculinidades no skate: o caso da Orla Skatepark
em Porto Alegre/RS (2021 a 2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof Dr. Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre

2024

ÂNGELO DE OLIVEIRA MENEGUZZI

**Construções das masculinidades no skate: o caso da Orla Skatepark
em Porto Alegre/RS (2021 a 2024)**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (orientador) – UFRGS/IFCH

Prof. Dr. Fernando Seffner – UFRGS/FACED

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva - UFRGS/ESEFID

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às pessoas que possibilitaram a realização desse trabalho porque sem elas com certeza não teria ocorrido da mesma forma.

Primeiramente ao Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt pela orientação e revisão. Além disso, por ter acreditado neste trabalho, acolhido minhas ideias e sugerido leituras fundamentais. Certamente a tua disponibilidade e cordialidade fizeram esse momento mais leve.

Agradeço às três pessoas entrevistadas pelos depoimentos, amizade e parceria.

Agradeço à banca examinadora, Prof. Dr. Fernando Seffner e Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva pelo aceite e contribuições.

Agradeço a todas professoras e professores que tive ao longo de toda minha escolarização e graduação, com vocês aprendi a aprender.

Agradeço às amigas e amores que fizeram parte da minha vida durante a Graduação tornando mágico e único esse momento.

Agradeço, sobretudo, à minha família pelo apoio emocional e financeiro durante todos esses anos.

RESUMO:

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise histórica sobre as relações de gênero no esporte *skateboarding* na cidade de Porto Alegre, a partir da perspectiva dos estudos das masculinidades, compreendendo as masculinidades em seus mais diferentes aspectos como masculinidade hegemônica, masculinidade alternativa e masculinidade feminina. Para isso, como fontes de pesquisa foram utilizadas três entrevistas de história oral produzidas em 2023, com três skatistas locais da Orla Skatepark. A pesquisa tem como metodologia a análise crítica das entrevistas na perspectiva da história oral temática. Os temas abordados foram skate e sociabilidade; skatistas homens e mulheres; esporte visual, corpo e vestimenta; skate e segurança, equipamentos e fiscalização; skate e saúde; a acessibilidade desse esporte em termos financeiros e corporais a questão da longevidade e da juventude no skate. Concluiu-se que as diferentes masculinidades presentes no contexto do skate, assumem e dissimulam a existência de machismo dentro da subcultura de skatistas.

Palavras-chave: masculinidades; esportes; skateboarding; história oral; Porto Alegre.

ABSTRACT:

This work aims to make a historical analysis of gender relations in the sport of skateboarding in the city of Porto Alegre, from the perspective of masculinity studies, understanding masculinities in their most different aspects such as hegemonic masculinity, alternative masculinity and feminine masculinity. For this, three oral history interviews produced in 2023 were used as research sources, with three local skateboarders from Orla Skatepark. The methodology of the research is the critical analysis of interviews from the perspective of thematic oral history. The topics covered were skateboarding and sociability; male and female skateboarders; visual sport, body and clothing; skateboarding and safety, equipment and supervision; skateboarding and health; the accessibility of this sport in financial and bodily terms, the issue of longevity and youth in skateboarding. It was concluded that the different masculinities present in the context of skateboarding assume and disguise the existence of patriarchal relations within the skateboarding subculture.

Keywords: masculinities; sports; skateboarding; oral history; Porto Alegre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1: SKATEBOARDING, ESPORTIVIZAÇÃO E MASCULINIDADE.....	11
1.1 OLIMPÍADAS DE TOKYO E O BRASIL.....	11
1.2 O SKATEBOARDING E A ESPORTIVIZAÇÃO.....	14
1.3 A MASCULINIDADE E OS ESPORTES MODERNOS.....	15
1.4 MASCULINIDADES NO <i>SKATEBOARDING</i>	20
1.5 SKATEBOARDING EM PORTO ALEGRE E ORLA SKATEPARK.....	22
CAPÍTULO 2 : “ESPORTE RADICAL É ESPORTE DE MENINO”?.....	25
2.1 O COMEÇO DE TUDO.....	25
2.2 SKATE E SOCIABILIDADE: UM ESPORTE INDIVIDUAL?.....	29
2.3 SKATISTAS HOMENS E MULHERES.....	33
2.4 ESPORTE VISUAL: CORPO E VESTIMENTA.....	39
2.5 SKATE E PROTEÇÃO: FISCALIZAÇÃO E SEGURANÇA.....	45
2.6 SKATE E SAÚDE: LESÃO E RISCO.....	51
2.7 UM ESPORTE PARA TODOS?.....	55
2.8 SKATE E LONGEVIDADE: UM ESPORTE JOVEM?.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	64
ANEXO A:.....	71

INTRODUÇÃO

O *skateboarding*, assim como a maioria dos chamados “esportes radicais”, é uma prática esportiva desenvolvida historicamente a partir da segunda metade do século XX, posteriormente à criação dos esportes modernos no século XIX. As virtudes necessárias aos esportes modernos ocidentais foram construídas a partir de um ideal de diferenciação e hierarquização social, econômica, racial, do sexo e do gênero, privilegiando os homens cisgêneros, heterossexuais (para facilitar a narrativa será utilizada a expressão cishetero), brancos e aristocratas. Porém, ao longo do século XX, essa realidade foi se transformando, e os esportes modernos começam a ser praticados e disputados por mulheres e pessoas não-brancas, gerando a necessidade de compor nos esportes radicais um novo espaço esportivo endógeno que fosse distintamente dos homens cishetero e brancos (Kusz, 2008).

O surgimento dos chamados “novos esportes californianos” (*kaiak*, paraquedismo, vôo livre, *skateboarding*, *snowboarding*, *ski*, etc..) foi uma outra maneira de conceituar os esportes radicais pelo pesquisador Christian Pociello (2015), estudioso da cultura do esporte na sociedade contemporânea. Ele compreende que a sociedade moderna, ao valorizar o individualismo e a liberdade corporal, acabou por influenciar e incentivar práticas desportivas individuais realizadas ao ar livre. E será a liberdade corporal uma das características que mais diferenciará as novas masculinidades em contraponto com as masculinidades tradicionais e hegemônicas. Cabe destacar que, o *skateboarding*, enquanto um esporte radical que surge na Califórnia da década de 70, foi fortemente influenciado por esses comportamentos sociais.

Na década de 80, os estudos sobre masculinidade sugeriram da necessidade das feministas de compreender o sistema de sexo e gênero para além apenas da condição feminina. Nesse período os estudos pós-estruturalistas sobre a masculinidade hegemônica iniciaram-se a partir de Kimmel (1992) e Connell (1995). As discussões variavam entre masculinidade dominante e masculinidade hegemônica, tendo diferentes perspectivas e abordagens teórico-metodológicas. As perspectivas de Kimmel e Connell dizem que a masculinidade hegemônica existe de diferentes maneiras em diferentes contextos e regiões, não sendo única e sólida. Outra perspectiva compreendeu a masculinidade hegemônica como única e inalcançável para a maioria dos homens, ou seja, constituía a busca frustrada pela masculinidade ideal.

Na década de 90, os estudos sobre as masculinidades se complexificaram ainda mais, identificando que apenas o conceito de masculinidade hegemônica não era o suficiente para compreender o espectro de masculinidades possíveis. Em relação ao conceito de masculinidade hegemônica, surgiram, então, os conceitos de masculinidade subalternizada e masculinidade alternativa, para dar conta da complexidade teórica e conceitual da masculinidade hegemônica.

As masculinidades alternativas acabaram por alterar alguns dos princípios da masculinidade hegemônica como a autoridade, a conformidade às regras e a competição de elite. Além disso, introduziram comportamentos que valorizavam a autoexpressão, a participação livre, a coragem e a transgressão espacial (Beal, 1996 apud Carr, 2016).

Destaca-se que, na segunda metade do século XX, essas masculinidades, entendidas como alternativas, foram expressas também em diferentes espaços sociais pelo movimento *hippie*, movimento universitário, *beatniks*, *hipsters*, *bartenders*, pelo universo do *rock'n'roll*, dentre outros (Houston, 2012). Foi um momento de construção e produção de diversas novas masculinidades cisgênero no Ocidente, alternativas às masculinidades militares estabelecidas no contexto da Segunda Guerra Mundial. A valorização da liberdade individual e corporal, que se expandiu no século XX, colaborou, em grande medida, para a criação de espaços de sociabilidade de novas masculinidades.

Na contemporaneidade, pode-se dizer que, em um amplo espectro, as masculinidades alternativas estão incluídas socialmente na arte, na música, na literatura, no cinema, no âmbito das comunidades LGBTQIA+, praticantes de esportes radicais como o *skateboarding* e em diversos outros grupos (Beal, 1996; Cohen, 1997; Connell, 1997; Hawkins, 2009; Hennen, 2008; Schippers, 2002; Taylor & Rupp, 2005; Wheaton, 2000 apud Houston 2012).

O conceito de masculinidade alternativa foi desenvolvido primeiro por Becky Beal (1995), compreendendo a subcultura do *skateboarding*, a partir da perspectiva de mulheres skatistas. Essa seria uma masculinidade alternativa automeada onde a homo sociabilidade é proeminente. Uma forma de masculinidade que, embora desafie a masculinidade hegemônica, ainda opera dentro de certos limites e estruturas de poder patriarcais e machistas. Na concepção de masculinidade alternativa produzida por Becky Beal, há a compreensão da subcultura do *skateboarding* como lugar de quebras e permanências do machismo e do patriarcado pelos homens skatistas. Essa concepção de Beal foi, ao longo do tempo, melhor qualificada por outras pesquisadoras e por ela própria. Várias pesquisas acrescentaram a branquitude na masculinidade alternativa, na

subcultura do *skateboarding* (Beal & Wheaton, 2003; Brayton, 2005; Yochim, 2007; Atencio et al., 2013; Williams, 2020; McDuie-Ra, 2023).

Uma segunda concepção de masculinidade alternativa (Flecha, Puigvert & Ríos, 2013), a define como uma masculinidade construída em conjunto com as mulheres e com as teorias feministas. Essa segunda concepção tem, sobretudo, uma perspectiva pedagógica de ensinar nas escolas, aos meninos e adolescentes, a não serem machistas com suas colegas de aula (Ríos, 2015). Essa abordagem, que busca construir a masculinidade em conjunto com as mulheres e as teorias feministas, representa um esforço significativo para reformular as normas de gênero desde a juventude.

Diante do exposto, interessa nesse trabalho realizar uma análise histórica sobre as relações de gênero na subcultura do *skateboarding*, no contexto da recentemente inaugurada Orla *Skatepark*, em Porto Alegre/RS, a partir da perspectiva dos estudos das masculinidades compreendendo seus diferentes aspectos, como masculinidade hegemônica, masculinidade alternativa e masculinidade feminina.

Para tal, este trabalho se divide em dois capítulos: no primeiro, serão abordados a criação dos esportes olímpicos, a esportivização do *skateboarding* e as masculinidades no skate. No segundo, serão analisadas as três entrevistas a partir de diferentes perspectivas, tendo como fio condutor o enfoque das masculinidades. Seus subcapítulos estão distribuídos nessa ordem: skate e sociabilidade; skatistas homens e mulheres; esporte visual, corpo e vestimenta; skate e segurança, equipamentos e fiscalização; skate e saúde (dor, riscos e lesões); a acessibilidade desse esporte em termos financeiros e corporais a questão da longevidade e da juventude no skate.

Como metodologia será utilizada a análise temática de entrevistas na perspectiva da História Oral Temática, a luz das concepções da historiadora Marieta Ferreira. A partir da análise das fontes orais pretende-se relacionar e investigar como as relações de gênero são evocadas pelos entrevistados, buscando analisar tanto a sociabilidade, quanto as representações sobre as masculinidades esportivas, e de que maneira tais categorias dialogam com as normas binárias de gênero e as suas possíveis transgressões. Além disso, também é objetivo compreender como se dão as relações de gênero no espaço público, onde os homens estão dominando e disputando com as mulheres e com os próprios homens pelas posições de poder e comando.

Ao realizar levantamento em diferentes repositórios (Web of Science, Science Direct, Sci Hub e Lume), em busca de trabalhos acadêmicos que abordassem de maneira mais ampla a prática do skate no Brasil, encontrei um número reduzido de trabalhos que

investigavam as relações de gênero no esporte, sobretudo a partir da perspectiva da masculinidade. O mais relevante e pioneiro no tema das relações de gênero no *skate* é a tese de Doutorado de Márcia Figueira, intitulada “Skate para meninas: modos de se ver um esporte em construção”. Defendida em 2008, na Escola Superior de Educação Física (ESEF), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a dissertação tem como metodologia entrevistas com skatistas frequentadoras da IAPI *Skateplaza*, em Porto Alegre. O trabalho de Figueira me inspirou na delimitação do problema de pesquisa e, também, na escolha da metodologia da história oral.

Como fontes de pesquisa foram utilizadas entrevistas com três skatistas que frequentam a pista da Orla Skatepark, dentro do mais novo complexo poliesportivo da Orla do Guaíba, em Porto Alegre. As entrevistas foram produzidas por mim, entre os meses de novembro e dezembro de 2023, a partir de um roteiro de perguntas (Anexo A), com sugestões de temas de interesse. Foi estabelecido um recorte de gênero, com uma entrevistada que se identificou como mulher cisgênera, e dois entrevistados que se identificam como homens cisgênero. Também há um recorte de idade, com jovens entre 22 e 24 anos, faixa etária identificada como “Geração Z”. As três pessoas entrevistadas se identificaram racialmente como brancas. Além dos recortes de gênero, etário e racial há também um outro importante recorte, principalmente no contexto social do skate onde a escolaridade é pouco valorizada (Bastos & Rieth, 2007), sendo as três pessoas entrevistadas estudantes do ensino superior.

Na metodologia da História Oral Temática há uma valorização pelo confronto e comparação de versões das entrevistas, necessitando de, pelo menos, alguns entrevistados para cobrir o tema central (Marieta, 1994; Meihy, 1998; Alberti, 2005). As histórias pessoais dos entrevistados interessam a essa pesquisa apenas na medida em que revelam informações e aspectos úteis à análise temática central das masculinidades na subcultura do skate. Nesse sentido, e a fim de resguardar as subjetividades das pessoas entrevistadas, optou-se pela criação de nomes fictícios para cada uma das três (Monteiro et al., 2019). Serão utilizados os nomes fictícios: Bianca, Júlio e Nicolás.

Também cabe ressaltar que os conteúdos das entrevistas não devem ser compreendidos como estritamente verdadeiros. O que interessa na fonte oral, a partir da História Oral Temática, não é a veracidade dos fatos ou a narração exata dos acontecimentos, mas as percepções subjetivas que os indivíduos têm em relação ao meio social, as suas opiniões, impressões e experiências (Axt, 2016).

Durante o decorrer da pesquisa e das análises críticas tive a certeza que o conceito de masculinidade alternativa de Beal é útil e verificável no contexto da Orla Skatepark. Mas também tive a certeza do quão complexo e polêmico é analisar criticamente as masculinidades alternativas nessa perspectiva proposta pela autora, sobretudo, na condição de skatista, homem branco cis e estudante universitário. Acredito que a ambiguidade, o paradoxo e a complexidade são inerentes a uma pesquisa com foco nas masculinidades alternativas. Não tentei fugir ou escapar desse emaranhado teórico e conceitual instável, que ainda está em construção, mas apresentá-lo, verificar sua existência e problematizá-lo. Minha escolha pelo tema da masculinidade no skate foi motivada, sobretudo, por eu ser um estudante de História e skatista, que vivencia o espaço público da Orla *Skatepark* e que percebe nas dinâmicas sociais envolvidas desse lugar uma possibilidade de problematização histórica.

Nesse sentido, trago como suporte, Pierre Bourdieu que, a partir de suas vivências e aprendizados como jogador de *rugby*, pôde perceber que os esportes eram um objeto científico legítimo e digno de análises sociológicas (Chartier, 2002). Bourdieu frequentemente usava analogias entre o esporte e a prática científica para ilustrar conceitos de suas teorias sociológicas de “habitus” e “campo” (Wacquant, 2002). Suas analogias argumentavam que assim como um bom jogador de *rugby* sabe para onde a bola vai e se posiciona adequadamente no campo de grama, um bom cientista-jogador utiliza seu conhecimento inato para suas escolhas intelectuais no campo científico. Nas palavras do próprio sociólogo:

Como um bom jogador de rugby sabe para onde vai a bola e se põe lá onde a bola vai cair, o bom cientista-jogador é aquele que, sem ter a necessidade de calcular, de ser cínico, faz as escolhas que compensam. Aqueles que nasceram no jogo têm o privilégio do ‘inatismo’. (Bourdieu, 2004, apud Souza e Marchi Júnior, 2017, p. 259).

CAPÍTULO 1: SKATEBOARDING, ESPORTIVIZAÇÃO E MASCULINIDADE

Eu acho que a Rayssa representa pra todas as mulheres brasileiras, a verdade seja dita, tá ligado? Mulheres jovens principalmente, olha o que foi o vídeo da fadinha ali de quem queria aprender, ou que tava aprendendo.

(Trecho da entrevista com Bianca, 2023).

1.1 OLIMPÍADAS DE TOKYO E O BRASIL

As Olimpíadas de Tokyo em 2021 tiveram um grande impacto para a História do *skateboarding* mundial. No âmbito nacional o Brasil teve um excelente desempenho conquistando 03 medalhas de prata (Rayssa Leal, Pedro Barros e Kelvin Hoefler). Desses três há uma significativa diferença etária entre essas pessoas: os dois homens tendo 27 anos na ocasião e Rayssa com apenas 13 anos de idade. Ela tornou-se a atleta brasileira mais jovem a ganhar uma medalha nos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Rayssa Leal, medalha de prata na categoria *street*¹ feminino, protagonizou um frenesi jornalístico e publicitário acerca do skate feminino (Pereira, 2023). O destaque competitivo e midiático da skatista maranhense teve um impacto na maneira pela qual o skate era até então percebido e representado na sociedade brasileira (Petinelli, 2022).

Figura 01: Rayssa Leal, Letícia Bufoni e Felipe Gustavo durante treinamento nas Olimpíadas de Tóquio em julho de 2021. (Foto: Reprodução/site COB).



Disponível em: medium.com/betaredacao/porto-alegre-maior-pista-de-skate-da-am%C3%A9rica-latina-ser-%C3%A1-aberta-em-outubro-d5872c6f611 Acesso em: janeiro de 2024.

¹ *Street* é traduzido por 'Rua'. É a categoria olímpica de skate que simula espaços de rua como escadas e corrimãos. A outra categoria olímpica é a 'Park', caracterizada por ser praticada somente em *Skateparks*, necessita de um espaço específico e apropriado com rampas de concreto próprias para a prática do skate.

O destaque midiático de Rayssa Leal foi em grande medida motivado pela ruptura que a “fadinha” produziu ao imaginário machista da subcultura do skate no Brasil (Freitas, 2022). Foi marcante não apenas pelo seu talento excepcional com o skate, mas também pela quebra de estereótipos de masculinidade na subcultura do skate. Historicamente, o *skateboarding* foi predominantemente masculino, com uma representação desproporcional de atletas masculinos tanto nas premiações em eventos como nas representações veiculadas na mídia especializada. Rayssa tornou-se, entre homens e mulheres, a personalidade do esporte com maior número de seguidores no *Instagram* alcançando a marca de 6,5 milhões de seguidores.

A conquista de Rayssa Leal desafiou essas noções preconcebidas e demonstrou que as mulheres têm um papel proeminente e bem-sucedido nas competições e no mercado de skate. Sua conquista não apenas inspirou outras mulheres a se envolverem com o skate, mas também contribuiu para uma mudança na indústria do esporte, promovendo uma significativa diversidade nas representações dentro desse mercado esportivo.

O reconhecimento do *skateboarding* como uma disciplina esportiva legítima nas Olimpíadas contribuiu para desfazer estigmas e preconceitos associados ao skate e aos esportes radicais de modo geral. A inclusão formal no cenário olímpico trouxe uma validação institucional, destacando que o *skateboarding* não é apenas uma forma de expressão corporal, mas também uma atividade atlética competitiva e patrocinada (Carpentier & Carton 2021). Ao mesmo tempo, a inclusão do esporte nas Olimpíadas não apenas transformou a percepção do esporte na sociedade, mas também influenciou positivamente as atitudes em relação à diversidade e à igualdade de gênero na subcultura do skate. A inclusão do skate nas Olimpíadas não só ofereceu aos skatistas homens cis e mulheres cis uma oportunidade única de competir em uma plataforma internacional de prestígio, mas também teve um impacto significativo na percepção midiática e jornalística do esporte, conquistando um novo patamar ao se tornar parte do programa olímpico (Wheaton and Thorpe, 2018).

Porém, um dilema crucial que ocorre em muitos eventos esportivos, incluindo os Jogos Olímpicos, quando se trata da inclusão de pessoas trans hormonizadas e pessoas intersexo. A presença da normativa binária do sistema sexo e gênero nos eventos esportivos olímpicos contribuí para retardar a plena igualdade de gênero nos esportes de modo geral (Pires, 2021).

Desde o Consenso de Estocolmo sobre a Redesignação de Sexo no Esporte de 2003, houve o reconhecimento da importância da autonomia de identidade de gênero nos esportes. Na Reunião de Consenso do COI, em 2015, foram definidas as diretrizes que permitem atletas transexuais de competirem nos Jogos Olímpicos e em competições internacionais sem se submeterem à cirurgia de redesignação sexual. Essas diretrizes, acompanhadas das diretrizes médicas da TUE (sigla em inglês para Isenções para Uso Terapêutico), definidas pela Agência Mundial Antidopagem, fornecem a estrutura vigente para competições, replicada no Brasil pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK).

Os parâmetros para atletas homens trans são mais difíceis que em relação às atletas mulheres trans. Pois, o uso da testosterona, comumente usada para transição de homens trans é proibido nos esportes, segundo o COI, por conta da influência cientificamente comprovada que a testosterona tem no desempenho atlético. Além da proibição do uso de testosterona, o atleta trans deve realizar o monitoramento a partir de testes antidoping contínuos. Em caso de descumprimento, o atleta é suspenso das competições olímpicas por 1 ano (Capella, 2023).

Os parâmetros para atletas mulheres trans são um pouco mais fáceis que de homens trans. Pois, o uso de estrogênio e antiandrogênicos, comumente administrados por mulheres trans, não é proibido nos esportes olímpicos. A atleta trans pode participar de competições na categoria feminina se demonstrar que seu nível sérico total de testosterona esteve abaixo de 5 nmol/L por pelo menos 12 meses antes de sua primeira competição. O cumprimento deve ser monitorizado por testes contínuos e em caso de descumprimento da regra, a atleta será suspensa das competições femininas por 1 ano (Capella, 2023).

Esse paradoxo destaca a necessidade de criticar e alterar as políticas esportivas para garantir que sejam verdadeiramente inclusivas, respeitando a diversidade e as múltiplas identidades de gênero. Muitas organizações esportivas estão atualmente em processo de revisão de seus códigos esportivos na busca por incluir atletas transgêneros, mas o caminho para alcançar igualdade e inclusão de pessoas transsexuais e intersexo nas competições esportivas ainda é um processo em início de desenvolvimento (Camargo, 2021).

A diferença significativa nas regulações médicas e farmacêuticas do uso de testosterona para o uso de estrógeno não é verificável apenas no âmbito esportivo. Pois, a regulação para a aquisição dos dois hormônios sexuais (estrógeno e testosterona) é consideravelmente diferente na maioria dos países. A proeminente regulação da

testosterona na sociedade como um todo é em parte resultado da tentativa de homens cis em garantir o privilégio cis e a exclusividade às características ditas “masculinas”. Ou seja, a defesa da masculinidade como algo precioso, poderoso e única aos homens cisgêneros (Preciado, 2018).

Reconhecer que os esportes modernos têm sido historicamente um campo de perpetuação do sistema binário de sexo e gênero é fundamental para promoção da igualdade de gênero nos esportes olímpicos de modo geral, para além do skateboarding. Porém, a igualdade de gênero deve ser abrangente e abarcando todas as identidades de gênero. A conscientização e o debate público sobre a intersexualidade e a transgeneridade são fundamentais para pressionar as instituições esportivas por mudanças inclusivas e criar ambientes esportivos mais justos e inclusivos para todos, todas e todes. Para se entender o recorte específico abordado na presente pesquisa é preciso ter em conta essa mudança mais ampla, e recente, ocorrida no esporte aqui enfocado.

1.2 O SKATEBOARDING² E A ESPORTIVIZAÇÃO

A partir do pós-segunda guerra, as novas manifestações esportivas californianas (*skateboarding*, *surfing*, *snowboarding*, *skiing*, etc.), representadas sobretudo como esportes radicais³, impuseram a necessidade da revisão e alteração semântica do conceito de “esporte clássico” (Pociello, 2015). Também auxiliaram na confirmação de que atualmente o que se compreende por “esporte” é um conceito moderno, urbano-industrial e historicamente situado na cronologia ocidental (Fernandes, 1998). Ou seja, não é possível compreender o esporte moderno nos mesmos termos que outros tempos históricos, como, por exemplo, os esportes clássicos da Grécia Antiga (Lagardera, 1991 apud Neto, 2000).

O termo “esportes californianos” refere-se às atividades esportivas associadas à cultura californiana do Oeste estadunidense. Enfatizam um estilo de esporte auto-organizado e que utiliza a rua e a natureza como o terreno esportivo. A auto-organização dos esportes californianos indica que essas atividades não seguiam necessariamente as estruturas tradicionais de organização esportiva formal de outros esportes modernos. A

² O nome correto ao esporte é *skateboarding*, tal qual o nome dado nos EUA, durante a invenção do esporte radical. Nos EUA o nome do objeto é *skateboard*. No Brasil, a palavra ‘skate’ denomina tanto o esporte, quanto o objeto, podendo gerar algumas confusões na linguagem. Inclusive, a palavra ‘skate’ no inglês é o verbo ‘patinar’, sendo de uso amplo para todos os esportes de patinação, algo que no Brasil não se verifica.

³ Essas novas práticas esportivas californianas podem ser denominadas também de: esportes de aventura, esportes de ação, esportes extremos ou esportes de *lifestyle*.

utilização da rua como espaço esportivo é apresentada como consequência de uma completa mudança no universo cultural e social (Böes e Amaral, 2018). Isso sugere que a prática esportiva na rua não é apenas um exercício físico, mas também reflete transformações mais profundas nas atitudes e valores culturais. A mudança cultural descrita é resultante de uma postura contracultural, vivenciada como uma forma de libertação em relação às restrições tradicionais associadas ao esporte de “estádio” (Pociello, 2015).

O conceito de esportivização desenvolvido por Norbert Elias e Eric Dunning (1992) serviu para compreender os fenômenos de regulamentação, institucionalização e espetacularização dos esportes modernos e olímpicos como um todo, para além do *skateboarding* e dos esportes radicais.

A esportivização é um conceito útil para compreender a prática de skate na contemporaneidade, e sobretudo a emergência dos esportes radicais em geral, e, mais especificamente, a elevação dos “novos esportes californianos” à categoria olímpica durante o século XXI (Olic, 2014). Ou seja, com o tempo a prática esportiva do skate passou a ganhar uma maior visibilidade, de modo a atrair a atenção, sobretudo, do mercado relacionado à indústria cultural, tornando-se um esporte de espetáculo para grandes audiências. No caso brasileiro, o skate encontrou no diálogo com o poder público a possibilidade de expandir sua “estrutura esportiva” por meio de políticas voltadas à construção de pistas públicas, assim como ao patrocínio e promoção de competições esportivas (Bastos & Rieth, 2007).

Como é apresentado por Olic (2014) no decorrer do texto, a relação entre a suposta “essência skatista” e o processo de “esportivização” aponta para uma dinâmica de aproximação e distanciamento do *skateboarding* enquanto modalidade esportiva e prática cotidiana de rua. Desde essa perspectiva, cabe a pergunta: até que ponto a radicalidade e os riscos presentes na prática do skate podem se adequar aos “princípios civilizatórios” esportivos de harmonia e organização da esfera pública nacional?

1.3 A MASCULINIDADE E OS ESPORTES MODERNOS

A compreensão da categoria “esporte” enquanto um conceito histórico e descontínuo precisa levar em conta o contraponto de duas conceitualizações de esporte em perspectiva historiográfica, ambas publicadas em 1966. Uma perspectiva conceitua o esporte como possível de ser percebido em diferentes tempos históricos, através do impulso pelo movimento e pelo jogo dos seres humanos, práticas corporais consolidadas

em termos linguísticos na palavra “esporte” (Diem, 1966 apud Neto, 2000). A outra perspectiva conceitua o esporte como um fenômeno histórico tipicamente moderno (Pernavieja, 1966 apud Neto, 2000).

Nesse sentido, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007), em seu texto publicado pela primeira vez em 1978, intitulado “Como é possível ser esportivo?”, questionou sobre quais as contingências sociais que permitiram ao esporte se constituir a partir de uma cronologia específica dentro da História. Para o autor, a História do Esporte, mesmo sendo articulada às outras áreas da História (como por exemplo a História Econômica e a História Política), é autônoma, tendo cronologia específica, com suas próprias crises, leis de evolução e tempo.

Na abordagem de Bourdieu (2007), os esportes modernos são vistos como um campo social, sujeito a dinâmicas próprias, regras e estruturas que o distinguem dos demais campos sociais. Ele argumenta que o esporte não é apenas uma atividade física, mas um fenômeno cultural e social que reflete e reproduz relações de poder, hierarquias e valores dentro da sociedade. O autor explorou como o esporte se relaciona com a construção de identidades individuais e coletivas, destacando como a prática esportiva pode ser um meio de reprodução de desigualdades sociais. Também analisou a relação entre o esporte e a educação, examinando como certas práticas esportivas são valorizadas e legitimadas, muitas vezes de acordo com a posição social dos praticantes.

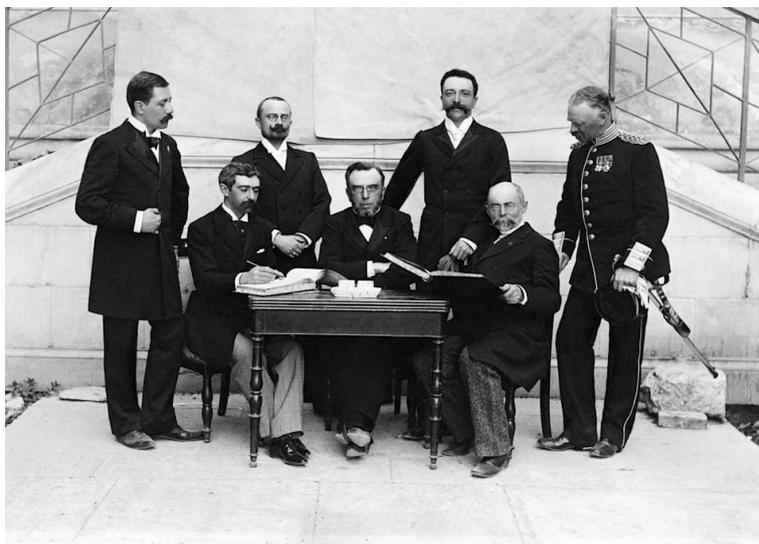
Nesse sentido, cabe destacar que a criação do ideal do olimpismo moderno teve declarada inspiração nas *english public schools* do século XIX, principalmente nas teorias do padre Thomas Arnold, diretor da *Rugby School* entre os anos de 1828 e 1841. O padre anglicano foi um historiador e educador que propôs diversas reformas na maneira pela qual o esporte era socializado entre homens cis jovens brancos da aristocracia inglesa (Bourdieu, 2007). A partir de suas reformas educacionais, o esporte começou a ser percebido como uma estratégia pedagógica destinada a “formar o caráter” dos alunos provenientes das elites britânicas.

Thomas Arnold, ao permitir que os alunos dirigissem os seus jogos e criassem regras e códigos próprios, intencionou promover uma disposição cavalheiresca que se opunha à busca considerada vulgar da vitória a qualquer preço, respeitando as regras e os códigos. O chamado “*fairplay*” será apresentado como uma forma de vontade de vencer em conformidade às disciplinas, refletindo valores de coletividade e cavalheirismo que se alinhavam às virtudes militares e à hombridade.

Os Jogos Olímpicos de Atenas de 1896, considerados o primeiro evento esportivo internacional dos Estados Nações Modernos recentemente formados, buscou estabelecer uma continuidade histórica ligando práticas esportivas da Era Moderna às práticas olímpicas das cidades-estados da Grécia Clássica. Para o estabelecimento dos Jogos Olímpicos Modernos, em 23 de junho de 1894, com a finalidade de estruturar e regulamentar o evento, seu idealizador, o barão Pierre de Coubertin, organizou o primeiro Comitê Olímpico Internacional (COI) durante a Conferência Internacional de Paris na Sorbonne. Formado por representações da Grécia, França, Estados Unidos da América do Norte, Itália, Rússia, Bohemia (atual República Tcheca), Suécia, Nova Zelândia, Grã-Bretanha, Hungria e Argentina (único país latino-americano), o referido comitê era composto somente por homens cis brancos ligados à aristocracia. (Bourdieu, 2007).

Ainda na intenção de compor os ideais da prática esportiva em busca de melhor organizar a sociedade patriarcal, irá se somar aos ideais olímpicos o “amadorismo”, filosofia aristocrática que concebeu o esporte como uma prática desinteressada da atividade política (amador faz por amar, não por interesse), semelhante à atividade artística. A teoria do amadorismo destacava a relação entre o esporte, a moral aristocrática e os novos valores da sociedade urbana-industrial a partir dos códigos da masculinidade do século XIX, convenientes para a afirmação das virtudes dos futuros homens cis brancos líderes da Nação (Pires, 2021, p.150).

Figura 02: Sessão dos membros do COI em Atenas, da esquerda para a direita (de pé): Willibald Gebhardt (Alemanha), Jiri Guth (Boêmia), Francis Kemény (Hungria), Viktor Balck (Suécia); (sentados) Pierre de Coubertin (França, secretário-geral), Emetrius Bikelas (Grécia, presidente), Alexis de Butovski (Rússia) (CBPC).



Disponível em: <https://www.coubertinbrasil.com.br/160-anos-de-historia-conheca-pierre-de-coubertin-e-suas-facetas/> Acesso em: dezembro de 2023.

Em Latim *Citius, Altius, Fortius* (mais rápido, mais alto, mais forte) foi o lema olímpico criado por Pierre Coubertin para as olimpíadas em 1914 que também evidenciava uma visão eugenista e de virilidade masculina, obedecendo regulações e desigualdades de gênero. Esse debate é suscitado por Bourdieu no livro “A Dominação Masculina” (1998) que inclui a virilidade nos esportes como uma noção relacional construída pelos homens cis e para os homens cis contra a feminilidade. Os homens, por medo da vulnerabilidade advinda do ideal de virilidade, se empenhariam contra a feminilidade (Bourdieu, 2012; p. 65).

Muito embora a fundação do Jogos Olímpicos da Era Moderna tenha motivações declaradas que buscavam promover, através dos esportes, os valores da universalidade e da paz mundial (simbolizada pelos aros entrelaçados representando os cinco continentes), é possível evidenciar, a partir de estudos recentes, que os Jogos estavam direcionados a um público masculino restrito. Nesse sentido, a coletânea de artigos “Reflexões olímpicas e dignidade humana” de organização de Todt (2021), publicada com o financiamento do Comitê Brasileiro Pierre Coubertin sediado em Porto Alegre na PUCRS, aponta a falta de equidade de gênero, sexualidade, raça, religião e classe entre os atletas competidores. Tal realidade é explicitada no texto “Atletas LGBTQIA+ e a visibilidade no esporte olímpico”, de Wagner Xavier de Camargo:

Quem podia competir, oficialmente falando, nos primeiros Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896? Autorizados eram apenas os homens (brancos, cristãos, heterossexuais) e provenientes da aristocracia (ou ricos). O pai dos Jogos, o francês Barão de Coubertin, previra isso baseado em sua classe, em suas convicções androcêntricas de mundo e no resgate dos ideais gregos antigos (Camargo, 2021, p. 165)

Sendo assim, no auxílio ao desenvolvimento da nova moral social esportiva, foram regulamentados os esportes e jogos modernos, representando uma nova forma de perceber a atividade física e a disciplina necessárias à formação da masculinidade emergente no Ocidente do final do século XIX. Tais práticas representam, além disso, uma ruptura com os Jogos Olímpicos Clássicos que tinham jogos específicos acontecendo apenas em momentos de trégua entre guerras. O processo de formação dos Jogos Olímpicos Modernos foi demorado e gradual, ainda não havendo o ideal de atleta moderno bem desenvolvido e disseminado. Precisou de tempo para que se estabilizasse e se consolidasse o chamado “espírito olímpico” tal como é concebido na contemporaneidade.

Os esportes modernos foram uma forma lúdica de tornar os movimentos e expressões corporais ordenados aos princípios disciplinadores da elite aristocrática. Ao contrário de reprimir os impulsos viris pelo movimento e pela atividade física nas escolas, torna-se parte da disciplina escolar a busca pela aptidão física. Cria-se, assim, um ambiente próprio para se afluírem os ditos “instintos masculinos”, utilizando-se do prazer pela atividade física em prol de valores não apenas atléticos, mas também sociais e de gênero. A moralidade aristocrática seria expressa em novas formas de prestígio, poder e virilidade expressas na aptidão esportiva, no *fairplay* e no amadorismo que, até então, não eram manifestados pela elite juvenil inglesa.

A composição dos ideais nacionais é intimamente ligado à disciplinarização dos corpos considerados “civilizados”. O esporte moderno e o espírito olímpico foram a melhor maneira de conectar o corpo à nação:

Nesse contexto, os fenômenos esportivos modernos são tomados como copartícipes de um “processo civilizador” (ELIAS, 1994; DUNNING, 1985), que dará os contornos aos nacionalismos nas sociedades ditas ocidentais modernas, conexão esta observada inclusive na reprodução mimética e metafórica das guerras nos confrontos esportivos, apontando uma vez mais para a associação simbólica entre corpo, esporte, nação e guerra, representações, como se verá, ditadas por uma masculinidade hegemônica e potencializadas por um urbanismo industrial em franca expansão (Thomaz, Santos & Toledo, 2021; p.3).

Por serem iniciados e desenvolvidos no continente europeu e sobretudo na França, os ideais esportivos modernos de militarização e disciplinarização dos corpos tardaram alguns anos para aterrizar no Brasil. Porém,

métodos ‘nacionais’ de ginástica e de educação física de orientação militar logo desembarcariam em terras brasileiras através da Missão Militar Francesa, no período entreguerras (CASTRO, 1997). A propósito, foi nesse período que **o Brasil conquistou sua primeira medalha olímpica, nos Jogos da Antuérpia (Bélgica), em 1920, pelas mãos de um tenente do Exército, Guilherme Paraense, praticante de tiro esportivo**, que também competiu por clubes como Fluminense e São Cristóvão (Thomaz, Santos & Toledo, 2021; p.4; grifo do autor).

A coragem e a bravura compõem os traços da virilidade a partir dos quais as virtudes esportivas se conectavam às virtudes militares e policiais a partir do ideal da masculinidade. O medo de ser comparado à feminilidade ou à homossexualidade são partes constituintes da masculinidade moderna na busca constante pela virilidade e aceitação pelos outros homens cis:

Certas formas de “coragem”, as que são exigidas ou reconhecidas pelas forças armadas, ou pelas polícias (e, especialmente, pelas “corporações de elite”), e pelos bandos de delinquentes, ou também, mais banalmente,

certos coletivos de trabalho — como as que, nos ofícios da construção, em particular, encorajam e pressionam a recusar as medidas de prudência e a negar ou a desafiar o perigo com condutas de exibição de bravura, responsáveis por numerosos acidentes — encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos “companheiros” e de ser ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados” (Bourdieu, 2012; p. 66).

Pierre Bourdieu (1998) analisa as diversas formas de dominação masculina a partir de bens simbólicos. Nesse sentido, o autor compreende o espaço público urbano das ruas como espaços de poder simbólico masculino na sociedade contemporânea. Desta forma, os espaços urbanos surgem das relações de poder e é dentro delas que se estabelecem as normas, ao definir os limites sociais e ao ditar quem pertence a um lugar ou quem será excluído. A divisão entre público (masculino) e privado (feminino) define para cada espaço um protagonismo de gênero (binário e cisheteronormativo) atuando contra a diversidade, e assim, fortalecendo práticas urbanas hostis e violentas para corpos femininos. Veremos, a partir do recorte analisado, como, ao mesmo tempo, o skateboarding reafirma e tensiona essa divisão.

1.4 MASCULINIDADES NO SKATEBOARDING

O pioneirismo de Becky Beal na temática do skate e masculinidade é evidente, não só por toda a sua produção bibliográfica, mas especificamente pelo conteúdo contido em: “Alternative masculinity and its effects on gender relations in the subculture of skateboarding”, publicado em 1996. Esse texto é citado em diversas pesquisas acadêmicas que abordam skate e a masculinidade ao redor do mundo. Importante salientar que Becky Beal é uma mulher-cis e branca praticante de *skateboarding* e *surfing* desde criança, envolvida pessoal e emocionalmente com ambas as práticas de esportes radicais.

A partir de um viés sociológico, a metodologia de pesquisa utilizada por Becky Beal no referido texto foi a realização de entrevistas com mulheres jovens skatistas, interrogando-as sobre as masculinidades alternativas na subcultura do skate. Durante o texto, Beal (1996) faz intersecções com raça e classe, porém, o foco de sua pesquisa são as masculinidades. O principal problema de pesquisa da autora foi: se os skatistas homens cis têm construído uma masculinidade alternativa à masculinidade hegemônica, por que e como eles ainda reproduzem o patriarcado dentro da subcultura do skate? Nas palavras da autora: “Se por um lado, o skate demonstra uma resistência, ao redefinir o

comportamento masculino, por outro lado reproduz relações patriarcais” (Beal, 1996; p. 204 salvo menção em contrário, todas as traduções deste texto foram feitas por mim).

Segundo Beal, os aspectos do skate que trazem o maior apelo ao público masculino são a liberdade de expressão, a não-competitividade e a transgressão espacial (Beal 1996 apud Carr, 2017). Em pesquisas posteriores, Beal também irá afirmar que “os skatistas alegam que sua atividade é aberta a todos... mas, simultaneamente, as redes informais masculinas tendem a restringir e controlar a participação feminina” (Beal & Wilson, 2004, p. 32 apud Geckle, 2022).

O pioneirismo estadunidense nos esportes radicais implicou um maior número de pesquisas acadêmicas acerca do esporte nos Estados Unidos da América. Sendo assim, a maioria dos textos que abordam a masculinidade, a branquitude e o neoliberalismo no *skateboarding* foram publicados em inglês nas revistas estadunidenses (Brayton, 2005; Yochim, 2007; Atencio et al., 2013; Carr, 2017; Williams, 2020). E com destaque para McDuire-Ra (2023), o único a abordar a branquitude no skate fora dos Estados Unidos.

A Sports and Fitness Association (SFIA) fez um levantamento nos EUA em 2014 (Carr, 2017), constatando que o *skateboarding* é praticado por 83% de homens, sendo 87% de todos os praticantes abaixo de 25 anos de idade. Ou seja, embora a identidade skatista seja algo único e monolítico, a masculinidade jovem é proeminente.

Márcia Figueira, como dito antes, foi pioneira em pesquisar skate e relações de gênero no Brasil e em Porto Alegre, sendo inclusive reconhecida em outros trabalhos científicos que pesquisam skate e gênero no Brasil (Brandão & Machado, 2019). O mais interessante na dissertação de Figueira é sua abordagem não só histórica e cultural ampla, como também sua perspectiva das relações de gênero ao analisar as fontes orais. Há vários outros trabalhos acadêmicos que pesquisam a história do skate no Brasil, porém a maioria dessas pesquisas não buscaram analisar as comunidades de skatistas em uma perspectiva das relações de gênero.

Assim como Márcia Figueira, outras pesquisas também utilizaram dos aportes teóricos de Bourdieu para analisar as relações de gênero nos esportes radicais, como por exemplo, no snowboarding e no surfing (Thorpe, 2010; Uekusa, 2019). O conceito de *habitus* e dominação masculina inserem-se como os dois conceitos primordiais para as análises dos esportes modernos na perspectiva de Bourdieu. O primeiro texto escrito por Bourdieu analisando o esporte moderno, estava dentro do contexto de emergência do *skateboarding* nos Estados Unidos. O verão de 1978 na Califórnia foi um marco para os esportes radicais como um todo, mas principalmente para o *skateboarding*, ao emergir

nas mídias e ganhando protagonismo cultural no país. Todos esses acontecimentos dentro dos esportes radicais certamente ajudaram Bourdieu na realização de que assim como os esportes radicais, os esportes modernos também são situados historicamente e geograficamente.

A autora demonstra em seu estudo a posição central da identidade masculina, branca e heterossexual presente na subcultura do skate no Brasil. Nas palavras da autora:

Ao analisar sobre as formas como se estabelecem as posições de sujeitos no interior de uma cultura, Guacira Louro (2005) - tece algumas reflexões que podem ser aproximadas da análise que estabeleço acerca da hierarquização que se estabelece entre o skate masculino e feminino no Brasil. Quando explicita que cada cultura estabelece o que é considerado o normal, o diferente e excêntrico, por exemplo no que se refere ao gênero e a sexualidade, evidencia que a posição central é considerada como a posição não problemática sendo que todas as outras posições de sujeito, de alguma forma estão ligadas e subordinadas a ela. **A posição central, neste caso específico é ocupada pela identidade masculina, branca e heterossexual e em função da qual todos os “diferentes” são nomeados** (Figueira, 2008, p. 32; grifo do autor).

A pesquisa de Figueira, utilizou de entrevistas com skatistas mulheres cis e jovens locais do IAPI Skateplaza. Nessa pesquisa optou-se por estudar as relações de gênero no skate pelo prisma das masculinidades. Utilizou-se entrevista com dois homens cis e uma mulher cis locais da recente inaugurada Orla Skatepark. Compreende-se que a entrevista com pelo menos uma mulher se fazia útil e necessário para uma melhor articular as análises das masculinidades e confronto de ideias, vivências e histórias.

1.5 SKATEBOARDING EM PORTO ALEGRE E ORLA SKATEPARK

Considerada a maior pista de skate da América Latina, a Orla Skatepark é situada no Trecho 3 da orla do Guaíba, em Porto Alegre. As primeiras conversas sobre o projeto entre a Prefeitura Municipal e a Federação Gaúcha de Skate (FGSKT) ocorreram ainda no ano de 2010, mas sua idealização começou em 2016, enquanto a construção teve início no ano 2019 e a inauguração em 23 de outubro de 2021. A idealização e construção da Orla Skatepark está inserida no contexto internacional de esportivização e institucionalização do *skateboarding* no programa olímpico. A solicitação para que o esporte radical fosse incluído no programa olímpico ocorreu em 2009, pela Federação Internacional de Desportos sobre Patins (FIDP). O *skateboarding* fez parte do programa

olímpico pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Verão da Juventude de Nanquim na China em 2014.

De acordo com Frederico Cheuiche, arquiteto e sócio-diretor da Spot Skateparks, responsável técnico pela elaboração do projeto e por sua construção, todo o trabalho construtivo contou com a consultoria e o acompanhamento técnico da empresa Confluência, através de uma parceria entre a Spot Skateparks e a Rio Ramp Design, organizações formadas por skatistas do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Conforme o projeto executivo, a construção recebeu 940,20 m³ de concreto e 19,5 toneladas de aço e, ao todo, nela foram investidos R\$ 2,4 milhões (Corrêa, 2021).

A megapista, projetada para receber eventos nacionais e internacionais de skate, tem área total de, aproximadamente, 6 mil metros quadrados, divididos em cerca de 2 mil metros quadrados no nível superior e, cerca de 4 mil metros quadrados, no inferior. No nível superior ficam as pistas de *bowl*, *flowpark* e *snakerun*⁴, destinadas às manobras verticais da modalidade olímpica conhecida como *park*. Enquanto no nível inferior, foram localizados os espaços voltados à modalidade olímpica *street*, que contempla tanto obstáculos que seguem o padrão utilizado nas Olimpíadas, como também aqueles que simulam elementos urbanos, como bancos, hidrantes, escadas e corrimãos. Alguns desses elementos referenciam pontos de prática de manobras de rua conhecidos da capital, como o corrimão da Câmara Municipal de Vereadores, a pequena ponte que compõe o paisagismo da Praça Itália e os bancos do calçadão da praia de Ipanema, na Zona Sul (Corrêa, 2021).

Figura 03: Vista aérea da Orla Skatepark. Autor: Mateus Bruxel/Agência RBS, 2023.



Disponível em: gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2023/03/porto-alegre-tera-programacao-especial-antes-do-inicio-do-stu-national-de-skate-confira-os-eventos-clf32s1y1008s017y16ek0k2j.html Acesso em: janeiro de 2024.

⁴ Na figura 03, o *bowl* (o primeiro da esquerda para a direita) é caracterizado pela maior profundidade e risco associado. O *flowpark* (o segundo da esquerda para a direita) é o mais assemelhado à modalidade olímpica de *park*, com menores proporções de tamanho que o *bowl*; é o mais disputado e requisitado pelos praticantes. O *snakerun* (o terceiro da esquerda para a direita), com formato de cobra, é caracterizado pela similaridade ao Marinha Skatepark. O restante é considerado a parte da modalidade de *skate street*.

A Orla Skatepark, por ser um espaço dedicado exclusivamente à prática do skate, desempenha um papel fundamental na promoção do esporte e na construção da comunidade local de skatistas. O trecho 03 da Orla oferece mais do que simplesmente uma boa infraestrutura urbana para prática de skate no Rio Grande do Sul, afinal comporta também um grande complexo esportivo (abarcando quadras de futebol e vôlei de praia, patinação, tênis e basquete).

O Rio Grande do Sul tem sido celeiro de vários e várias skatistas profissionais renomadas ao longo dos anos, cujas habilidades e conquistas têm ganhado destaque internacional. Tais atletas não apenas se destacam em competições, mas também influenciam a subcultura do skate com o impacto de suas expressões individuais à comunidade de skatistas locais.

Além de ser um esporte radical, o *skateboarding* representa uma forma de expressão cultural. A subcultura do skate demonstra que o esporte é uma parte integrante da cultura urbana, contribuindo para a formação das identidades e subjetividades. A integração da Orla Skatepark à paisagem natural de Porto Alegre, no pôr do sol do Guaíba, é a demonstração de que o skate não está isolado em um nicho, mas sim, constituindo parte da vida pública urbana porto-alegrense.

Shows, batalhas de *rap's*, graffitis e adesivos colados por toda parte são formas de arte urbana que decoram esse espaço, adicionando a ele uma dimensão criativa e cultural ainda maior. A interação entre o esporte e a cultura local demonstra como o esporte se tornou mais do que apenas uma atividade física, tornando-se uma expressão de identidade e expressão cultural urbana de Porto Alegre.

Para além das pistas públicas e privadas e *skateshops*⁵ espalhadas pela cidade de Porto Alegre, a subcultura do skate incorporou elementos da cidade em suas práticas, adicionando uma dimensão única às ruas da cidade. A diversidade de locais disponíveis, desde as pistas públicas até áreas urbanas adaptadas são fruto da capacidade da subcultura do skate em se adaptar e incorporar às características urbanas.

São vários os trabalhos sobre skate em Porto Alegre que utilizaram entrevistas com skatistas (Bastos 2006; Figueira, 2008; Rigon, 2018; Biagin 2023). Porém, até agora, nenhum contou com entrevistas de skatistas locais da Orla Skatepark. Sendo assim, é a partir desse espaço ainda em aberto que se insere esse trabalho de historicizar o espaço público da Orla Skatepark através de entrevistas com skatistas locais.

⁵ Lojas especializadas na venda de peças de *skateboard* e marcas de roupa com estilo e design característicos da cultura do *skate*.

CAPÍTULO 2 : “ESPORTE RADICAL É ESPORTE DE MENINO”?

Tanto Bianca, como Nicolás e Júlio, eu conheci por volta de dois anos atrás enquanto praticava skate na Orla Skatepark. É evidente que a aproximação rápida e a criação de vínculos de amizade facilmente se deram pelos perfis sociais parecidos a todos nós: graduandos da UFRGS e da PUCRS, por volta dos vinte e poucos anos e residentes de bairros centrais da cidade de Porto Alegre. Todos brancos, cisgêneros e de classe média. E, lógico, todos amantes e amadores do skate, principalmente durante o clássico pôr do sol do Guaíba, o horário no qual a maioria das nossas sessões de skate acontecem.

Nicolás e Júlio são amigos e moram juntos dividindo apartamento no bairro Cidade Baixa, se mudaram para Porto Alegre há pouco tempo, pois ambos são oriundos da Região Metropolitana de Porto Alegre. Bianca, residente no bairro Menino Deus, é uma das poucas amigas femininas que construí ao longo desses anos dentro do skate, apesar de fora do esporte eu ter uma maioria de amigas mulheres. Digo isso por acreditar que inevitavelmente o fato de eu ser próximo e ter relações de amizade com os três entrevistados fez os rumos dessas entrevistas irem para diálogos específicos e mais íntimos. Se não nos conhecêssemos talvez os resultados das entrevistas fossem outros, estive ciente disso desde o momento de escolha dos entrevistados para a realização dessa pesquisa.

Cogitei em algum momento contatar skatistas homens e mulheres que não tivessem uma relação de amizade comigo. Porém, a proximidade de amizade se fez necessária baseando-se principalmente no tempo possível e limitado para a realização dessa pesquisa. Tenho a certeza de que, se tivesse entrevistado diferentes perfis etários, econômicos e raciais, as entrevistas teriam resultados diferentes. Por isso, reforço que o perfil dos entrevistados é de universitários, brancos, cisgêneros, classe média e residentes de bairros centrais de Porto Alegre. Essas características foram solicitadas e afirmadas por eles próprios no início da entrevista. A única dissidência sexual foi afirmada por Bianca, ao se definir como uma mulher cis e bissexual. Os dois entrevistados afirmaram serem homens e heterossexuais, com a cisgeneridade não-nomeada.

2.1 O COMEÇO DE TUDO

Todos os entrevistados tiveram em seu primeiro contato com o skate referências masculinas de homens cis, desde colegas de escola, até vizinhos, amigos, pai e

namorado. Nenhum dos entrevistados fez referência a alguma skatista mulher que os tivesse influenciado ou inspirado a começar na prática do esporte. Essa constante de iniciação no skate por homens nas três entrevistas reforça como a comunidade de skatistas foi ou ainda é um espaço masculino de maioria de homens cis. Ou seja, um espaço onde a presença masculina é naturalizada, e a masculinidade pode ser acessada e expressa através da coletividade. Vejamos alguns trechos das entrevistas que exemplificam essas considerações:

Eu comecei a andar de skate quando eu tinha 10 anos, foi a minha primeira interação com o skate. Eu tinha colegas da escola que andavam e eu achava irado e eu queria andar também. Meu vizinho andava, e a gente virou amigo e daí depois que a gente virou amigo e descobriu o skate, era skate todo dia ali pelos meus 10 anos (Nicolas, 2023).

Cara, lá onde eu morava tinha uns mano que desciam umas curvas lá de *long*⁶, tá ligado? Era o contato que eu tinha assim mas eu nunca fui pra olhar mas eu sempre sabia que os cara faziam isso, tá ligado? Tipo eu via uma coisa muito por cima. E skate assim nunca foi algo... Eu sempre fui mais do futebol né, sempre joguei futebol, então o skate nunca foi algo que eu tinha pego pra andar assim. Quando eu tava no ensino médio eu tive contato com um *mini-cruiser*⁷, tá ligado? Os meus colegas compraram e tal começaram a andar e eu não tinha e andava no deles de vez em quando e eu até curtia, mas eu não tinha o meu também, tá ligado?, e por não ter um lugar tão bom assim pra andar que também me motivasse a andar como aqui a Orla também (Júlio, 2023).

Meu pai era skatista quando ele era adolescente, então eu sempre convivi com o skate e isso me aproximou de alguma maneira do esporte mas eu fui começar a praticar mesmo através de um namorado na adolescência que andava muito, eu comecei a frequentar mais as pistas com ele.

Ângelo: Qual foi a primeira pista que tu andou? Tu consegue lembrar?

A primeira pista? Se eu conseguir me lembrar... Com o meu pai foi umas *mini-ramp*⁸ lá na Zona Norte de concreto no meio da rua, assim tipo não sei te dizer o nome da pista. Que daí foram essas quando eu tinha 10 anos e tal. E aqui em Porto Alegre a primeira pista foi o Marinha que eu comecei a andar com rodão largo (Bianca, 2023).

Nesse momento da entrevista, Bianca cita alguns lugares importantes para a prática do esporte em Porto Alegre, em especial, a histórica pista localizada no Parque Marinha do Brasil. Essa pista tem um espaço especial na história do skate brasileiro por ter sido uma das primeiras construídas no Brasil (Camargo, 2012). Localizada a poucos metros da Orla Skatepark, e inaugurada em 1979, justamente após o famoso ano do

⁶ *Long* é abreviação para *Longboard*, um tipo de skate mais longos que a maioria, caracterizado pela proximidade com pranchas de surf e facilidade de estabilidade.

⁷ *Mini-cruiser* é um tipo de skate bem pequeno, com tamanho apenas para o apoio dos dois pés. É caracterizado pelo preço baixo e praticidade.

⁸ *Mini-ramp* é uma rampa pequena em formato de "U", caracterizada pela maior facilidade à prática do esporte.

“verão de 78 no Sul da Califórnia”, quando o *skateboarding* se popularizou globalmente através da midiatização dos *Z-Boys*⁹. A construção da Orla Skatepark foi idealizada em 2010 inicialmente por conta de uma tentativa frustrada de reformar a pista do Marinha. A percepção de que seria inútil tentar recuperar a pista aos moldes originais ocasionou o plano de construir uma nova pista a poucos metros de distância.

A proximidade geográfica do Marinha Skatepark em relação à Orla Skatepark, assim como o reconhecimento da relevância histórica do Marinha para o skate porto-alegrense, motivou vários skatistas a chamarem a Orla Skatepark, de maneira não-oficial, de Marinha Skatepark. Outro nome não-oficial que a comunidade de skatistas deu para a Orla Skatepark foi com base na evidente influência estadunidense dentro do *skateboarding*, conferindo-lhe o nome de “Orlando”, ou seja, a palavra “orla” como se fosse um verbo do gerúndio fazendo também uma evidente referência à cidade situada no estado da Flórida, local de diversos parques de diversões, onde reside um grande número de imigrantes brasileiros.

Bianca é um dos exemplos de uma mulher cis skatista que frequentou e iniciou sua prática do skate no Marinha. Evidencia-se durante a sua entrevista a influência que a pista do Marinha teve em suas amizades e em seu estilo de andar ao modo *surfstyle*¹⁰, característico dos praticantes daquele espaço. Em suas palavras, ela evidencia a ligação entre os dois lugares:

Na inauguração [da Orla Skatepark], eu já conhecia “os mano” que construíram aqui... O Paulinho Camargo, como que é o nome do outro? O Marroquino... O mano lá do Marinha eles construíram aqui, a gente passava aqui na frente já olhava de longe assim e tal. Mas comecei a frequentar quando inaugurou... desde a inauguração. Eu tava quando abriu os portões. A “massa” veio e dominou... Na real, eu vim numa pré-abertura que abriram **só pras mina um dia e só pros cara outro dia sabe...** Foi muito legal (Bianca, 2023; grifo do autor).

A inserção da Bianca dentro da comunidade de skatistas de Porto Alegre é bem mais ampla do que a de Nicolás e Júlio. Essa maior inserção oportunizou a ela estar presente no evento teste no dia 22 de setembro de 2021, um mês antes da estreia oficial da Orla Skatepark. Por conhecer os pedreiros e construtores da pista (todos homens cis) desde quando andava no Marinha, ela teve acesso aos referidos eventos testes. O evento teste contou com 35 representantes do skate feminino amador participando da primeira

⁹ *Z-Boys* foi o primeiro grupo de skatistas patrocinados da história. Eram patrocinados pela loja de equipamentos de *surfing* “*Zephyr Shop*” situada no Sul da Califórnia. Os *Z-Boys* foram tema de um importante filme hollywoodiano de divulgação mundial do *skateboarding* chamado *Lords of Dogtown*, lançado em 2005. Os três principais skatistas retratados no filme foram Tony Alva, Jay Adams e Stacy Peralta. Havendo apenas uma mulher compondo os *Z-Boys*, a skatista Peggy Oki de descendência japonesa.

¹⁰ Estilo de praticar skate que se assemelha mais ao surfing: através de rasgadas, mão no chão, agachar ao máximo e fazer barulho com as rodas.

sessão de testes do complexo esportivo. No mesmo dia 22 de setembro, porém mais tarde, a segunda sessão de testes contou com 35 praticantes do skate masculino amador.

O interessante desse evento teste é que dividiram as duas sessões de skate por sexo e gênero, talvez, motivado pela possível dominância do espaço e monopolização da pista que os homens cis fariam em caso de uma sessão de skate de sexo e gênero misto (Bäckström & Nairn 2018). Essa divisão do espaço é certamente fruto de uma maior conscientização do machismo dentro da subcultura do skate, e do papel que as mulheres têm na construção do esporte. Não seria pretensioso afirmar que o frenesi jornalístico de Rayssa Leal, acontecido poucos meses antes da inauguração.

Nesse trecho da entrevista, Bianca também lembrou a fatídica manhã de sábado do dia 23 de outubro de 2021 às 09 horas, dia da inauguração oficial da Orla Skatepark. Ela especifica mais ainda, lembrando o momento quando a “massa” de skatistas que esperavam para abrirem os portões na inauguração da pista não aguentaram aguardar o horário oficial de abertura e invadiram o local da pista derrubando os portões erguidos temporariamente pela Prefeitura.

A derrubada dos portões e a invasão da Orla Skatepark pelos skatistas, mesmo com a presença da Brigada Militar e do poder público no local, representam muito bem a rebeldia e a subversão próprias da comunidade de skatistas. O sorriso no rosto dos skatistas homens, perceptíveis na Figura 04, não se deu apenas pelo deslumbre com a inauguração da maior pista da América Latina, mas, possivelmente também pelo prazer em descumprir as regras, leis e horários instauradas pelo poder público.

Figura 04: Foto capturada por celular, autor desconhecido. Arquivo Pessoal. Retrato do momento exato em que os skatistas derrubam os portões na inauguração alguns minutos antes das 09 horas da manhã do dia 23 de outubro de 2023. Atrás da multidão de skatistas homens, muitos deles vestindo bonés, é possível ver a Base Móvel da Brigada Militar estacionada permanentemente em frente a Orla Skatepark.



2.2 SKATE E SOCIABILIDADE: UM ESPORTE INDIVIDUAL?

A prática do *skateboarding*, como também da maioria dos esportes radicais, é uma atividade física que exige tecnicamente habilidades unicamente individuais. Porém, nessa pesquisa buscamos analisar criticamente os aspectos sociais presentes na comunidade de skatistas. Muitos dos esportes radicais são praticados de maneira solitária e ao ar livre, mas no *skateboarding*, por se tratar de um esporte urbano que utiliza da cidade, as dinâmicas sociais são invariavelmente colocadas. As pistas públicas, assim como a rua e o asfalto, são os ambientes públicos onde as sociabilidades dos e das skatistas primariamente acontecem, como nos contam nossos entrevistados:

Eu sempre tive facilidade de comunicar, mas eu conheço pessoas diariamente sempre que eu vou na pista, então tá diretamente ligado a praticar o esporte. O skate, mesmo que seja um esporte individual, ele tá diretamente ligado ali com dicas, ideias, tudo tu pode compartilhar e eu sempre aproveitei disso, sabe? (Nícolas, 2023).

Quando tu vem assim por exemplo com um skate pra pista pra conhecer outras pessoas e ver os amigos tu consegue trocar umas ideias sobre o skate, alguma coisa que tu tá aprendendo e alguém já aprendeu ou que dois tão aprendendo a mesma coisa e tão compartilhando as dificuldades ali. Quando vê um tem uma dificuldade em algo e o pessoal vai se ajudando e isso ajuda bastante... tanto que **o cara começa as vezes falando de skate e já tá falando de outras coisas, né?** Eu vejo no meu caso, eu sou bem antissocial assim, as vezes não por querer, mas por me sentir mais antissocial assim, e quando eu venho pra pista e tal eu me abro mais, parece que as vezes quando eu tenho dificuldade por exemplo de ir conversar com alguém, abre a porta pra alguém vir e conversar comigo, tá ligado? E aqui na pista o cara se reúne com a tribo do cara né? Meio que o cara é um índio e chega na tribo do cara. É criar amizades também né? Tipo fortalecer amizades. **As vezes tu tá dando um rolê sozinho até aqui na pista tu não sente a mesma coisa assim, parece que falta um negócio** (Júlio, 2023; grifos do autor).

A distinção que Júlio faz entre andar de skate na rua e na pista ilumina diferentes dinâmicas sociais a partir desses dois espaços públicos. Enquanto a prática na rua pode ser mais solitária, a pista se torna um ponto de encontro comunitário, mostrando a flexibilidade do skate em acomodar experiências tanto individuais quanto coletivas. Mesmo Nícolas tendo facilidade em socializar e Júlio dizendo ter dificuldade em fazê-lo, os dois expressaram a mesma necessidade que a troca de dicas e ideias sobre o skate geram no desenvolvimento da técnica e da prática esportiva de cada um deles.

No aspecto da aprendizagem, a prática de *skateboarding* se diferencia da maioria dos esportes por não precisar de um professor ou um instrutor, é na troca de experiências entre os próprios praticantes e amadores do esporte que o aprendizado e o desenvolvimento acontecem. Essa dinâmica de aprendizado diferencia-se da maioria dos esportes modernos que precisa de uma comissão técnica, um *personal trainer* ou um curso específico para desenvolver a prática. Ou seja, é possível perceber, nos depoimentos que é durante a socialização na pista que se aprende boa parte da habilidade e técnica necessária à prática do esporte.

Especialmente Júlio, expressa como as amizades entre eles e seus amigos são construídas dentro da comunidade de skatistas. Ou seja, começa-se falando sobre o skate e as técnicas necessárias, porém, acaba-se conversando sobre outros assuntos exteriores à prática. Além disso, a abordagem colaborativa e cooperativa no aprendizado e na prática do esporte que Júlio e Nicolás destacam é uma ruptura da masculinidade hegemônica que assume o distanciamento social, independência emocional e competitividade (Beal, 1996 apud Carr, 2016).

Júlio também afirma ser “antissocial” e relata como a prática do skate o ajudou a abrir-se mais socialmente. O relato demonstra como a prática pode ser um meio de superar barreiras pessoais e fomentar as interações sociais entre desconhecidos. Esta dinâmica ressalta uma masculinidade alternativa que reconhece a necessidade de conexão social (Flecha *et al.*, 2013), em contraposição aos estereótipos masculinos de isolamento social e independência emocional da masculinidade hegemônica construída nas normas do sistema de sexo e gênero (Alves, 2017).

A comunidade de skatistas descrita por Nicolás e Júlio baseia-se no apoio mútuo e na partilha de conhecimentos, refletindo uma postura mais cooperativa e menos competitiva da masculinidade nos esportes. Por outro lado, os dois depoimentos dos entrevistados reforçam como os esportes modernos ainda são o principal meio de construção da camaradagem e da socialização da masculinidade entre os grupos de homens cis através de dicas e ajudas.

Dentro de uma análise crítica sobre as masculinidades, vale ressaltar também que nem Nicolás nem Júlio expuseram alguma relação de amizade e sociabilidade com mulheres skatistas, nem reconheceram o fato de praticarem o esporte radical apenas com skatistas homens cis. A ausência dessa constatação demonstra um acordo tácito entre os skatistas homens cis que o skate é praticado entre eles evidenciando uma percepção

naturalizada do espaço da Orla Skatepark e da subcultura skatista de modo geral como sendo masculina e cisgênera.

Bianca foi a única a constatar que costuma praticar o esporte conjuntamente tanto com skatistas mulheres quanto com skatistas homens. Ela mostrou uma maior diversidade de gênero das pessoas com as quais ela divide o espaço e o tempo socializando na Orla Skatepark:

Como a pista é um lugar público, como as pistas de skate de modo geral são um lugar público, fica muito subentendido nas entrelinhas sempre que eu venho andar de skate que eu vou encontrar pessoas que eu conheço sem marcar. Então, dependendo do dia e do horário, eu sei quem vai estar na pista, tá ligado? Eu não preciso convidar para dar um rolê, eu simplesmente. Ah... sexta-feira às seis da tarde eu sei que a Vic vai estar na pista... Então eu vou aparecer lá e vou ver a Vic, entendeu? Ou então, sei lá... Se eu vier aqui terça-feira de tarde, eu sei que o Adu vai estar aqui na pista pegando um sol e passando bronzeador e tal. Por tanto frequentar e ter as pessoas que vêm também... Eu já sei que eu vou chegar no skate e vão ter pessoas que eu conheço e que eu não conheço as vezes, mas tipo... existe uma interação social vinculada ao skate pra mim e as vezes quando eu quero fugir disso tudo eu escolho horários tipo... Ah eu quero andar hoje e não quero ver ninguém. Eu escolho horários que não vai ter ninguém, as vezes dá certo e as vezes não dá, porque como eu falei é pública né? Mas em geral é isso. Pelo menos não ter ninguém conhecido e tal. Mas numa outra visão assim... Eu diria que, numa primeira colocação, skate tem muito a ver com sociabilidade no sentido de ser um espaço social, o espaço de praticar skate ser um espaço que tu vai encontrar pessoas (Bianca, 2023).

Como é possível perceber, Bianca analisou ainda mais profundamente as relações que ela percebe entre skate e sociabilidade. Assim como Júlio e Nicolás, ela também incorporou em sua reflexão a análise de várias esferas da sociabilidade envolvidas dentro do espaço público da Orla Skatepark, como, por exemplo, a perspectiva compreensiva, coletiva e respeitosa de dividir o espaço com pessoas com quem não se tem intimidade (Carr, 2016). Mas vale destacar a perspectiva que Bianca traz de estar preparada para se posicionar e revidar alguma possível agressividade ou assédio durante a prática do esporte, fato que nenhum dos dois entrevistados homens cis comentou. Isso revela uma diferença nas vivências e preocupações que homens e mulheres enfrentam no espaço público de modo geral e na prática do skate, especificamente:

Mas eu também diria num sentido de percepção da pista pra andar assim, sabe? Num sentido não tanto de palavras e não tanto de conhecer as pessoas, mas de prestar atenção na vez de cada um 'dropar'¹¹, de tratar as pessoas bem, de ajudar quando caiu, ou **dar uns cortes quando alguém é agressivo, vamos supor.** (Bianca, 2023; grifo do autor).

¹¹ *Drop-in* é termo em inglês para a ação de entrar na pista. Em português houve uma apropriação do termo para 'dropar'. Normalmente, o *Drop-in* é uma das primeiras ações e manobras aprendidas no esporte.

Outra questão interessante sobre a sociabilidade na Orla Skatepark que Bianca comentou em sua análise foi sobre os espectadores e os olhares alheios. Ela percebe o olhar alheio como um aspecto social característico do skate em comparação a outros esportes modernos, principalmente por conta das quedas e tombos inerentes à prática do esporte radical. Ou seja, na perspectiva dela os olhares dos outros afetam a autoimagem de quem está praticando, tornando-se um obstáculo a mais durante a prática do esporte. Esse obstáculo emocional e social vale ainda mais para a Orla Skatepark por ser um espaço público onde a circulação de pessoas é intensa, principalmente no verão, finais de semana e nos horários de fim de tarde ao pôr do sol:

Por exemplo, um esporte que eu pratiquei por muitos anos foi natação tá? E natação é um esporte muito solitário. Porque é isso, não tem como tu falar e por mais que existam outras pessoas nadando contigo... tu não vai falar com elas, tu não vai olhar pra elas. É tu e tu. E tu tá na água e não escuta nada e tipo é literalmente tu e tu. Então... na natação não importa quantos colegas eu tinha nadando ou se eu tava competindo era eu e eu. O skate é tu e tu mas não é tu e tu, entendeu? Tem gente te olhando e tu escuta o que tão falando ao redor. Tu tá exposto, tu pode cair, tá ligado? Existem muitas coisas sociais que mechem com a tua imagem e com a tua segurança, enfim. Então, é assim, é individual mas não é (Bianca, 2023).

A partir desse momento, a perspectiva das relações de sexo e gênero dentro da prática esportiva no espaço público se intensificam no depoimento da Bianca. Ao marcar as impressões que a sua posição enquanto mulher cis skatista na Orla Skatepark causam ao público espectador, ela comenta as suas impressões e vivências com orgulho:

Isso tem a ver com o lado social do skate total assim... as vezes no final de semana a gente tem plateia... a gente tem plateia. E as vezes nessa minha condição de mulher né?... As vezes eu sou a única mulher descendo na rampa ali na fila do *park*¹² e aí eu sinto que isso me deixa feliz as vezes... apesar de eu ficar nervosa, eu fico feliz que tem pessoas olhando e tão vendo pelo menos uma mina que tá dando o rolê de skate. Por mais que eu erre, por mais que eu não vá bem, por mais que... foda-se. Eu fico feliz assim de tipo estar ali naquele dia sabe (Bianca, 2023).

Para Bianca, a importância da representação e presença feminina no skate e no espaço público não reside apenas na intenção de impactar a percepção de quem está escorado na grade como espectador da Orla Skatepark. Ela também relata como é importante demonstrar e reforçar a presença feminina no esporte radical para os próprios skatistas homens cis que estão praticando na pista e dividindo o espaço e o tempo de uso com ela:

¹² *Park* é o nome abreviado dado ao *flowpark*. Normalmente, é o mais requisitado pelos praticantes tornando comum a disposição de uma fila para 'dropar'.

Até mostrar para aquelas pessoas que tão andando... Mas olha isso né?... É uma pretensão minha de ver que os outros estão me olhando e de que eu tenho a capacidade de influenciar eles de alguma forma. E fazer eles pensarem: “não, eu já fui na Orla e vi que tem meninas que andam de skate na Orla. Tem meninas que andam de skate”.

Ângelo: E também pros próprios skatistas que tão ali né?

Muito isso... Muito também. Tipo **cara, respeita as mina** (Bianca, 2023).

Essa atitude é especialmente relevante no contexto em que as mulheres frequentemente têm que negociar sua presença em espaços masculinos, gerenciando expectativas sociais e desafiando o desrespeito machista. Como frequentemente uma das poucas ou a única mulher praticando skate na Orla, ela experimenta um destaque e uma visibilidade forçada. Essa realidade é um reflexo dos desafios comuns para as mulheres em vários esportes radicais dominados por homens cis. A presença feminina nestes espaços esportivos torna-se um ato de resistência e reivindicação do território público, desafiando as representações binárias preestabelecidas pelo sistema de sexo e gênero.

Bianca percebe sua presença na pista não apenas como uma atividade física individual, mas também como uma imagem feminina representativa dentro da própria comunidade de skatistas. Ela se vê como um modelo para outras mulheres e meninas, praticantes ou não, destacando a importância da visibilidade feminina para encorajar a diversidade de gênero nos esportes radicais. O relato dela é um indicativo do esforço crescente das skatistas em redefinir as masculinidades e as feminilidades na subcultura do skate, sublinhando a necessidade de modelos femininos nos esportes radicais e espaços historicamente de maioria masculina.

2.3 SKATISTAS HOMENS E MULHERES

Quando questionados sobre a existência ou não de diferença entre skatistas mulheres e skatistas homens, as respostas dos três entrevistados foram unânimes em negar qualquer diferença entre os dois gêneros. Os três entrevistados afirmaram de forma rápida e fácil que não há diferenças entre skatistas homens e skatistas mulheres:

A única diferença é que uns são homens e outros são mulheres, de resto não. Não vejo nenhuma diferença (Nícolas, 2023).

Olha eu acho que não na real, que não tem diferença, talvez alguma coisa que possa implicar a genética do físico, né? Mas, em termos de diferença de skatista... é tudo skatista, né? Não tem homem ou mulher. Tem essas diferenças individuais, né? Mas de dizer que são diferentes acho que não (Júlio, 2023).

Bah velho... Não. Não acho... em termos de skate não. Tipo eu acho que a gana é a mesma, a capacidade é a mesma (Bianca, 2023).

A perspectiva da igualdade de gênero demonstrou ser ampla entre os skatistas entrevistados, todos acreditam que a técnica e as habilidades necessárias à prática do esporte não envolvem uma diferença entre os gêneros. Porém, na sequência das entrevistas com Júlio e Bianca, foram expostas algumas outras reflexões e análises críticas sobre a comunidade de skatistas e as relações de gênero nela presentes:

Os homens andam há mais tempo de alguma forma por questões históricas e por isso que os homens têm pontuações maiores nas competições e mandam manobras mais altas e vão mais rápido, tipo tem a questão da testosterona mas também tem uma questão de, tipo, mais tempo praticando, mais incentivo desde piá, tipo... **esporte radical é esporte de menino**. Agora as mulheres estão desde piá sendo incentivadas a andar de skate, então o nível feminino tá subindo muito, tipo, tá quase equiparado, no meu humilde ponto de vista. Mas em termos de ser skatista, enquanto pessoa, não tem diferença nenhuma (Bianca, 2023).

Nesse trecho, Bianca expôs duas perspectivas acerca das relações de sexo e gênero dentro do esporte. Uma das perspectivas é social e histórica, e a outra é uma perspectiva médica e biológica sobre a influência da testosterona no corpo humano. A perspectiva da testosterona e da genética assemelha-se com o que foi dito anteriormente por Júlio. Assim como o Comitê Olímpico Internacional concluiu haver um melhor desempenho para atletas e praticantes com maiores índices de testosterona, esses dois skatistas amadores pensam da mesma maneira. A percepção binária da diferença dos hormônios sexuais na performance esportiva é percebida tanto na esfera institucional e competitiva, como na comunidade amadora de skatistas. O intuito dessa pesquisa não é confirmar ou não o papel de diferenças hormonais no rendimento esportivo propriamente dito, mas sim, compreender como as diferenças de sexo e gênero são tratadas socialmente pelos próprios skatistas amadores locais.

Seria ingênuo pensar que, nessas duas afirmações, não há alguma influência da esportivização e das concepções binárias de homens e mulheres, trans e cis, presentes dentro dos esportes institucionalizados e olímpicos. É ambíguo e paradoxal o papel que a institucionalização do *skateboarding* trouxe para a diversidade e promoção da igualdade de gênero no esporte. Por um lado, contribuiu para promover essa diversidade, como vimos acima; por outro, certamente, o reconhecimento das diferenças entre os sexos a partir de uma perspectiva considerada científica com base na quantidade de determinados hormônios reforça uma diferença essencial e naturalizada dos gêneros.

A construção histórica e social do gênero também foi constatada pelos entrevistados, compreendendo que as diferenças são mais sociais do que propriamente hormonais, genéticas e biológicas, demonstrando os paradoxos e complexidades envolvidos nas percepções das relações de gênero nos esportes e na sociedade como um todo:

Os machistas vão ser machistas mesmo na pista andando de skate, entendeu? E os não-machista, não vão ser machistas entendeu? Então depende do homem em si, e até da mina em si. Tipo depende da pessoa que tá andando, mas eu particularmente adoro quando eu venho andar com as minhas “*brothers*”, adoro quando acontece de a gente se encontrar em grupo de mulheres. Porque isso é raro né, na maioria das vezes a gente é uma ou duas no meio dos caras. Uma, duas três. Uma, duas, quatro. Nunca acontece de estar tipo assim... 10 mulheres e 02 homens na pista. Então quando acontece de ter um grupo de mais de 05 mulheres eu me sinto muito bem... eu me sinto ótima. Porque a gente tenta coisas juntas e vai cair juntas. E dá mais gana de tentar coisas novas, porque a gente tá junto e tu vê que a “*brother*” não anda tanto mas tu quer que ela ande. Ou então, a outra anda muito mais que tu e tu quer aprender e rola uma sororidade assim... vamos dizer. E eu me sinto muito subversiva, de novo, e radical e ‘coisaradas’ assim... quando eu estou com as “*brothers*”. Mas também adoro dar rolê com os amigos, tipo tem também parceiros de rolê pontuais que são como se fossem minas pra mim. Mas não tem essa coisa de grupo, tipo não me sinto pertencente se só tem eu de mina num grupo de caras aleatórios assim. E eu não tenho um grupo de caras que eu dou rolê e que são os meus faixas. Então, tem uma diferença, eu me sinto mais à vontade quando eu tô com um grupo de minas (Bianca, 2023).

Nesse trecho, Bianca reflete ainda mais sobre as diferenças sociais do sexo e do gênero. Ela parte da reflexão a partir da socialização entre ela e homens skatistas e a socialização entre ela e mulheres skatistas. A reflexão sugere que as diferenças de gênero são relativas de pessoa para pessoa e independente de um gênero específico, mesmo ela afirmando que em grupos de mulheres skatistas ela se sinta muito mais pertencente ao coletivo do que em grupos apenas de homens.

Bianca destaca ainda a importância de andar com outras mulheres, o que pode ser visto como um esforço consciente para criar um espaço seguro e de apoio em um ambiente predominantemente masculino. Essa escolha reflete a necessidade de solidariedade e acolhimento entre as mulheres skatistas, que muitas vezes enfrentam desafios únicos em espaços de esportes radicais dominados por homens (Laurendeau & Sharara, 2008). A presença de mulheres skatistas juntas promove uma forma de resistência contrária em ser comumente a única mulher na pista praticando. É dúbia a linguagem impregada no depoimento de Bianca, mesmo se referindo à sororidade, ela

chama suas amigas skatistas de “brothers”. Essa apropriação de um vocabulário masculino pelas mulheres demonstra uma tensão à feminilidade tradicional, assim como, uma possibilidade de assimilação dos papéis de gênero através da linguagem.

A ausência de menção por parte dos skatistas homens, como Nicolás e Júlio, sobre a preferência por praticar o esporte apenas com outros homens cis é indicativa de um machismo velado. Em um ambiente onde a presença masculina é a norma, a necessidade de criar um grupo exclusivo não é percebida ou necessária de ser afirmada. Isso demonstra como os homens muitas vezes ocupam espaços de forma inconsciente de seus privilégios ou até dissimulando-os em não os nomear. Enquanto as mulheres, como no caso da Bianca, precisam ser mais deliberadas e conscientes em suas escolhas sociais para garantir um maior conforto e a segurança, eles podem, ainda que inconscientemente, não sentir e não expressar essa necessidade, como indica essa fala:

Eu acho que a nossa sociedade é machista né? Então não tem como fugir, embora a gente tenha que tentar fugir disso, mas acho que as vezes... na real muitas vezes a gente acaba preso nisso ainda né? Mas é basicamente isso, a gente é um reflexo da nossa sociedade né? Não importa se for no futebol ou se for no skate vai ser a mesma coisa assim. Mas no futebol eu vejo muito mais presente ainda, sabe? Eu acho que por ser, digamos, grupos e totalmente grupos sabe? Porque no skate são grupos individuais digamos assim, porque tu individualiza muito, porque cada um tem o seu rolê, o seu skate, não é um esporte de grupo, assim a questão é algo mais individual, embora o grupo se ajude, não algo tão grupo assim... **e as vezes se tu junta muito homem as vezes acaba sendo um lugar muito machista assim né? As vezes tipo vestiário por exemplo a gurizada é machista e a onda que eles tiram eles não querem ser questionados sobre a onda que eles tiram, eles querem saber se tu joga bola bem ou não, entendeu? Tipo, então acaba sendo algo bem mais forte no futebol até que no skate** (Júlio, 2023; grifo do autor).

Os homens, se levarmos em conta o recorte aqui analisado, podem até admitir a presença de machismo na subcultura do skate, como no caso do Júlio. Porém, não se assumem como partes constituintes dessas dinâmicas de gênero opressivas. As diferenças de gênero e o machismo na comunidade de skatistas, ao mesmo passo que são reconhecidas, também são negadas ou não assumidas pelos homens, revelando a complexidade e os paradoxos envolvidos dentro da masculinidade de skatistas cisgêneros.

Durante esse trecho, o entrevistado traçou paralelos entre a prática do skate e a do futebol, indicando haver diferenças consideráveis no que se refere ao machismo e às masculinidades entre os dois esportes praticados por ele. Júlio reforça que o skate é um

espaço esportivo onde as diferenças de sexo e gênero, e o machismo propriamente dito, são mais atenuadas em relação àqueles presentes na comunidade futebolística. Essa comparação, por mais assertiva que seja, é uma maneira de suavizar e redimir o machismo na subcultura do skate.

A razão que Júlio encontra para a diminuição do machismo no skate se dá por conta da individualidade do esporte, em contraponto com o futebol que é um esporte necessariamente coletivo. O machismo, a misoginia, a transfobia e a homofobia presentes no futebol já foram matérias de algumas pesquisas dentro do campo das ciências humanas no Brasil (Bandeira, & Seffner, 2013; Bandeira, 2020). Por ser o esporte de maior relevância nacional, não faltam pesquisas que abordam as masculinidades e as homosociabilidades masculinas no futebol em diferentes esferas e regiões do Brasil (Elmôr, 2002; Faria, 2009; Soares, 2016; Coelho & Ríos, 2020; Braga *et al.*, 2020; Mendonça *et al.*, 2021; entre outras).

É interessante ainda a percepção do comportamento de grupo presente nos vestiários masculinos de futebol revelada por Júlio. Quando ele relata o “tirar onda” presente nesse espaço, seria uma forma mais leve de nomear as masculinidades tóxicas que permeiam tais lugares. Dentro do vestiário masculino, a vulnerabilidade dos corpos nus de homens cis torna mais fácil a presença de comportamentos opressivos e intimidadores contra algum alvo específico. A masculinidade tóxica cisgênera que oprime e agride a própria masculinidade cisgênera (De Brito, 2022) é evidenciada nesses contextos onde “se junta muito homem”. Quando perguntado o porquê de ele acreditar haver menos machismo no skate do que no futebol, Júlio respondeu:

Comparado ao futebol com certeza. Até por vezes dizerem que futebol é um esporte de homem né? Tipo, no skate eu nunca vi alguém dizer que skate é coisa de homem, tá ligado? Skate é coisa de quem quer andar de skate, tá ligado? Então tipo é que o skate é um “bagulho” muito louco que eu vejo assim tem pessoas de uma pluralidade imensa assim, num esporte único. É o skate tem gente de todos os gêneros e todos os estilos e andam de skate, cada um tem o seu estilo no skate e isso que é “da hora” também (Júlio, 2023).

Nesse momento, é possível notar a percepção do Júlio de uma masculinidade alternativa presente na subcultura do skate e na comunidade de skatistas. Ele remete a comunidade futebolística a uma masculinidade hegemônica, na qual as normativas do sistema de sexo e gênero ainda são irrefletidas e reforçadas, e contrapõe o skate como sendo um esporte plural e inclusivo. É a partir de afirmações semelhantes a estas de Júlio, que Becky Beal (1996) definiu a noção de masculinidade alternativa na subcultura

do *skateboarding*. Ou seja, homens cis definindo os espaços dessa prática—como imunes a opressões de gênero, ao mesmo tempo que reproduzem comportamentos patriarcais e machistas.

A comparação que o entrevistado faz entre o futebol e o skate revela como diferentes esportes podem moldar e refletir as construções de masculinidade de formas distintas. Enquanto o futebol é frequentemente associado a uma cultura coletiva que perpetua a masculinidade hegemônica, o skate surge como um esporte no qual a individualidade e a autoexpressão permitem o desenvolvimento de masculinidades alternativas.

Porém, como dito antes, as masculinidades alternativas do skate carregam consigo uma dissimulação da opressão. Por exemplo, Bianca mostrou em sua entrevista como é possível perceber diversas situações nas quais a masculinidade alternativa reproduz o machismo contra as mulheres na Orla Skatepark:

Tem uns caras que eu sei que quando eu chego na pista e o cara faz cara feia quando eu vou andar porque o cara acha que eu não ando nada. E se eu vou lá e ando ele não vai me aplaudir por mais que todo mundo fique: “Bah... a manobra que ela mandou”. O cara não vai fazer nada porque eu sei que esse cara é um “cuzão”. Mas eu sei que é esse cara entendeu? Não é todo mundo que tá ali... não são todos os homens da pista, mas a maioria dos caras são de boa na minha visão (Bianca, 2023).

Durante a entrevista, Bianca também relata como ela precisa reforçar constantemente a sua qualidade técnica com o skate, porque alguns skatistas homens cis vão duvidar constantemente de suas capacidades e habilidades técnicas simplesmente por ela ser uma skatista mulher. Ou irão elogiá-la apenas como uma mulher skatista e não enquanto skatista:

Eu sou uma mulher e mesmo assim eu sou radical. Eu não tenho medo de me machucar, e eu vou voar tanto quanto um cara, e eu vou andar tão bem quanto um cara. Tu pode até chegar na pista e olhar e pensar “Olha uma mina, ela não deve andar tanto”. Daí eu vou chegar lá e “quebrar a vala” e tu vai pensar “Caralho... essa mina anda pra caralho na real”. Então tipo, quebrar a expectativa de que a mina vai ser pior ou mais fraquinha. Aquela coisa do tipo “Ai ela anda bem pra uma mina”, tipo isso me irrita muito (Bianca, 2023).

Na pesquisa de Márcia Figueira, ela aborda, baseada em Beal, como a ideia de “masculinização da mulher” é uma das principais estratégias machistas para dificultar a inserção das mulheres no mundo esportivo, principalmente no contexto do skate:

É certo que o skate, ao longo de sua história, tem sido marcado por uma grande presença de participantes homens [...] Nesse sentido, consideramos importantes as reflexões de Becky Beal (2001) quando, em suas análises sobre o skate feminino nos Estados Unidos, menciona que vários fatores têm historicamente desfavorecido a participação de garotas e mulheres neste esporte. O principal deles relaciona-se às representações tradicionais de gênero que justificam essa diferenciação por acreditarem que modalidades esportivas podem promover o que denominam de “**masculinização da mulher**”. Em outras palavras, que as garotas, ao aderirem a práticas consideradas impróprias para sua “natureza”, poderiam perder alguns dos atributos que lhe conformam, dentre eles, sua feminilidade. Segundo essa autora, muitos skatistas homens se utilizam dessas representações para garantir o status de que esse é um esporte masculino. Para tecer essa afirmação cita alguns argumentos presentes na fala de jovens skatistas homens. **Um deles é que o skate pode provocar machucaduras e ferimentos no corpo e que isso não ficaria bem para as garotas**; outro é que, para as garotas, não é natural gostarem de esportes de risco. Para além desses fatores identifica que a indústria do skate pouca oportunidade oferece às mulheres, em geral porque seus proprietários são antigos atletas e estes acabam patrocinando apenas homens e dificilmente reconhecem as mulheres como grandes skatistas. Razão pela qual, afirma Beal, as skatistas ao perceberem que os homens não as tomam com seriedade, para serem aceitas nesse universo, precisam provar que são melhores que muitos deles (Figueira, 2008; p. 121; grifos do autor).

É possível perceber em diversos momentos das entrevistas afirmações da ausência de machismo entre os skatistas homens cis, assim como, afirmações constatando a existência de machismo. Ou seja, entre os entrevistados é notória a complexidade em reconhecer ou não a presença de uma masculinidade hegemônica dentro da comunidade de skatistas. Por isso, a definição dada por Becky Beal (1996) de uma masculinidade alternativa skatista evidencia-se como uma análise teórica eficiente e capaz de capturar as nuances e características das masculinidades na comunidade de skatistas na Orla Skatepark em Porto Alegre. Ou seja, tal masculinidade nega e dissimula a existência de machismo na subcultura do *skateboarding* ao mesmo tempo que reproduz estruturas de poder patriarcais da masculinidade hegemônica.

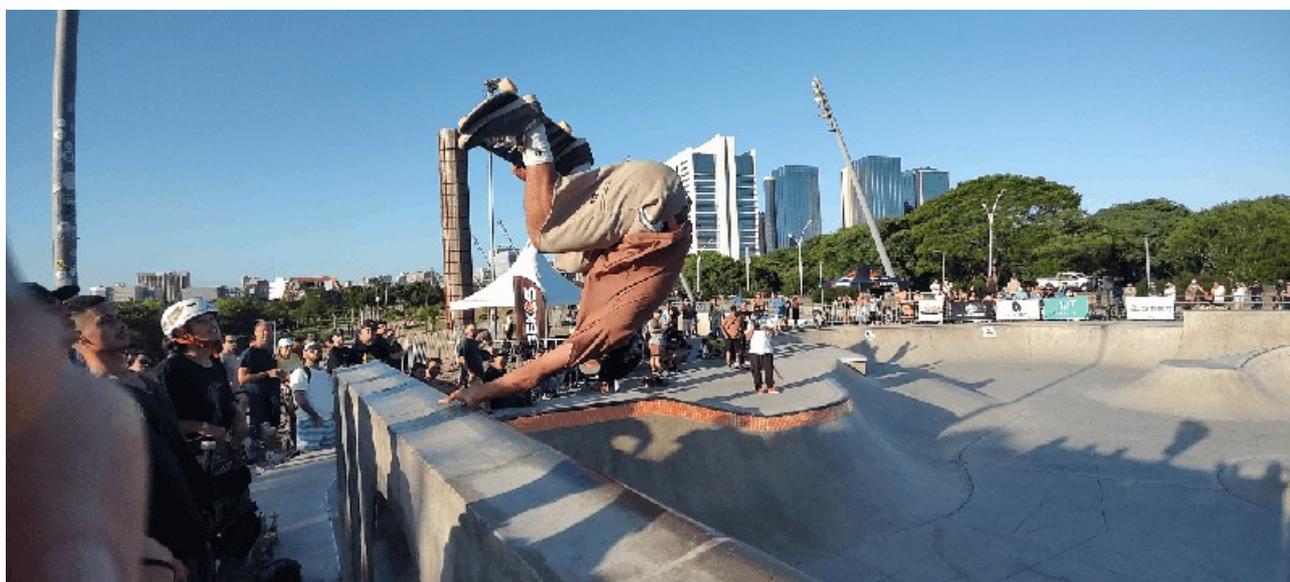
2.4 ESPORTE VISUAL: CORPO E VESTIMENTA

Nas duas modalidades esportivas e olímpicas de *skateboarding* (*street* e *park*) são definidos os e as ganhadoras a partir de notas atribuídas subjetivamente. As notas são estabelecidas por uma comissão de juízes e juízas que analisa cada um dos e das competidoras a partir de critérios de julgamento específicos nessas modalidades. Assim como em diversos outros esportes de caráter subjetivo nos quais os aspectos visuais são

constituintes da nota, a polêmica e a controvérsia são parte inerente às competições de skate (Fogliatto, 2021).

Para além das competições esportivas e institucionalizadas, a prática do esporte é constituída pelo aspecto visual bem característico dos esportes radicais de modo geral. A capacidade de expressar o que é chamado de “estilo” na comunidade de skatistas, é um dos aspectos imprescindíveis para o reconhecimento da habilidade com o skate (Batuev & Robinson, 2017). Um bom estilo é definido, por exemplo, a partir do semblante, expressão, “jeito”, fisionomia, postura, atitude, leveza e plasticidade

Figura 05: Arquivo Pessoal. Manobra *In-vert*¹³ realizada na *Wall-ride*¹⁴ do *Flowpark* da Orla durante a realização do campeonato amador organizado pela FGSKT. Foi obrigatório o uso de capacete por todos os competidores, conforme a demanda do Projeto de Lei 527/21.



O skate é inerentemente visual, não apenas na execução física das manobras, mas também na maneira como essas manobras são percebidas e valorizadas pelo público espectador. A estética é central para sua prática e apreciação, cada manobra possui uma plasticidade que transcende a mera execução técnica. Isso é ampliado pela subcultura desse esporte, que valoriza a criatividade, a originalidade e o estilo pessoal. Nesse sentido, diz Júlio:

Bah... isso eu acho “da hora” né. Quando tu te grava assim andando de skate e tu se olha e ter um *feedback* de como tá tua performance, porque o skate é algo muito visual também, né. Pra quem tá andando é algo de sentimento assim, mas pra quem tá fora assim é muito visual (Júlio, 2023).

¹³ *In-vert* é a manobra de skate onde a cabeça fica para baixo e os pés para cima. Em tradução livre, seria ‘Na Vertical’.

¹⁴ *Wall-ride* é uma parte do *flowpark* onde a pista toma forma de uma parede, formando exatos 90° em relação ao solo. Em tradução livre, seria ‘Andar na Parede’. É considerada a parte da pista que apresenta maior dificuldade técnica.

Nesse trecho da entrevista, Júlio comenta sobre como o skate é um esporte visual no qual a gravação da prática e o *feedback* são importantes para um melhor desenvolvimento dos movimentos e da plasticidade necessária a um bom estilo durante a execução das manobras. Bianca também comenta sobre como as imagens feitas ao andar de skate contam muito para a divulgação nas redes sociais através das publicações. Ela destaca como o uso de equipamentos de proteção pode ser dispensado na busca por uma estética e plástica mais atrativas e interessantes para o público espectador das redes sociais:

A imagem com *pads*¹⁵ quando é uma coisa do tipo, eu vim com *pads* e consegui e não tô confiante de mandar sem, e eu quero já registrar e postar algum bagulho, eu já dou com *pads* mesmo e foda-se. Mas o ideal é treinar com *pads* e aprimorar. E depois vir sem *pads* e fazer direito, tirar a foto. Esse seria o *schedule* ideal (Bianca, 2023).

As redes sociais proporcionam uma plataforma para os skatistas expressarem sua identidade e estilo. Fotos e vídeos de skate postados e compartilhados nas redes sociais não são apenas demonstrações de habilidade, mas também declarações de identidade pessoal e pertencimento à comunidade. Estes espaços públicos virtuais permitem que os e as skatistas construam e mantenham uma imagem pública, celebrando tanto seus sucessos quanto as experiências compartilhadas de aprendizados e falhas (Thorpe, 2016).

Os aparelhos celulares e as redes sociais têm impactado significativamente a comunidade do skate. Eles democratizaram a visibilidade, permitindo que skatistas de todas as partes do mundo compartilhem suas habilidades e roupas através de vídeos e fotos gravados pelos celulares. Essa possibilidade criou uma comunidade global interconectada, onde a inspiração e as tendências são rapidamente disseminadas. Por outro lado, a presença nas redes sociais cria uma pressão individualista para a performance e consumo constante (Dupont, 2014).

A visualidade e a popularidade do *skateboarding* nas redes sociais atraem o interesse de marcas, empresas e anunciantes. O esporte oferece uma combinação sedutora de cultura urbana e juventude que é altamente comercializável. Isso levou a uma maior comercialização do esporte, com skatistas atuando como influenciadores, promovendo estilos de vida e produtos (Brandão, 2012). Ou seja, a expressão visual nos esportes radicais não se limita às manobras, mas se estende aos locais escolhidos para

¹⁵ Abreviação de *Knee-Pads*, o nome em inglês para joelheiras. *Pads*, em tradução livre, é 'Almofadas'. No contexto do skate, diz respeito a todos equipamentos de proteção como: joelheiras, cotoveleiras, munhequeiras e proteção de quadril.

praticá-los e, também, às peças de roupas e vestuário consumidos e comercializados (Soares, 2008). Durante a entrevista, Bianca assume seu gosto pessoal por uma marca específica: “Eu amo a Adidas, a melhor *brand*” (Bianca, 2023).

A relação entre o skate seu aspecto visual e as redes sociais é complexa e multifacetada. Enquanto as redes sociais proporcionam uma plataforma para expressão e conexão, elas também trazem desafios relacionados à performance e à pressão comercial. O skate nas redes sociais reflete as tensões contemporâneas entre a expressão pessoal e a influência corporativa, entre a comunidade e o individualismo, entre o divertimento e a performance. Neste contexto, é vital manter uma reflexão crítica sobre como essas plataformas são utilizadas e o impacto que têm sobre a subcultura do skate.

A importância da moda têxtil e dos tênis de skate extrapolam o nicho dos atletas e praticantes, sendo consumidos até por admiradores e não-praticantes (Souza, 2015). Durante a entrevista, Bianca desenvolve algumas reflexões sobre a moda de skate, especialmente por ser uma mulher cis utilizando roupas largas que têm estética e designs considerados como “masculinos” dentro do sistema binário de sexo e gênero:

Eu sempre curti roupas largas, eu sempre achei esse *style* pesado irado, tipo *skater* e tal... Vida louca, eu não estou nem aí, eu sempre gostei da subversão de alguma forma. Então, ser mulher e ter pelos, ser mulher e usar roupas largas e não querer marcar as tuas curvas apesar de tê-las. Isso sempre foi algo, “mas, porquê?”, eu sempre fui questionada “mas, porquê?”. Tipo, “Pô, tu tem um corpo tão bonito, porque tu tá te escondendo?”. Eu não tô me escondendo, tá ligado? Eu não preciso me esconder, eu simplesmente gosto dessa roupa. Não tô escondendo meus seios, minha cintura e a minha bunda... Eu só, sei lá... gostei do camiseta tá ligado? Enfim... de alguma forma as referências que eu tenho dessas roupas são homens, entende? Então, tipo, existe, nessa questão de referência também, como eu posso dizer isso? Não é que as vezes eu não gostaria de vir com roupas de mina, no sentido de roupas mais justas e shortinho justo de academia e top. Mas meu... Eu não vou vir, também tem isso, eu até gostaria, mas não vou vir porque tipo... eu vou ser olhada pra caralho. E eu não quero ser olhada, eu quero andar de skate e não quero ficar me preocupando se “ai meu deus, tô pagando peitinho” ou “Ai meu deus, o fulano tá olhando”, tá ligado? Então as vezes eu me privo de ir mais feminina e me forço, vamos dizer, ou fico na zona de conforto de vir mais masculina. Por ter referências masculinas e saber que isso vai ser aceito e eu também estarei confortável (Bianca, 2023).

As características distintivas das vestimentas, como calças largas, camisetas *oversized* e tênis específicos, não são apenas resultados de preferências individuais, mas sim elementos intrínsecos à construção da identidade skatista. Essas escolhas de vestimenta comunicam visualmente a afiliação à subcultura do skate, estabelecendo um

sentido de pertencimento e autenticidade dentro da comunidade. Além disso, a funcionalidade das roupas largas no skate é crucial, uma vez que as escolhas de vestimenta são moldadas pelas exigências práticas da atividade, como a necessidade de liberdade de movimento e conforto durante a realização das manobras.

No entanto, é fundamental destacar que as escolhas de vestimenta no esporte vão além da funcionalidade prática, levando funcionalidades sociais distintas para homens e mulheres. Os vestuários são como próteses corporais que informam códigos sociais dentro do sistema binário de sexo e gênero na sociedade contemporânea (Preciado, 2014). Durante a entrevista, Bianca analisa as relações de gênero envolvidas no processo de escolha de roupas para praticar:

E toda essa questão do estilão pesado que eu te falei antes de não valorizar os atributos que são considerados como femininos pra mim é tipo: “eu sou massa por que eu ando pra caralho e não porque eu sou linda”, sabe? Eu posso até ser feia e “quebrar a vala” e tá valendo igual, tá ligado? Tira esse lugar da beleza assim. E também traz um componente de estilo que é, por exemplo, usar roupas largas ou marcas de skate, eu acho muito estiloso isso tudo que o skate envolve. Mas é isso assim, de alguma forma eu acho que eu ainda preciso me libertar. Agora falando sinceramente, de conseguir ser mais, quando eu sinto à vontade, **de ser mais mina dentro do espaço do skate, e de alguma forma eu sinto que eu assumo papéis. Papéis não, mas sim posturas, e roupas, e vestimentas mais masculinas por me sentir mais à vontade e por sentir que eu vou me mesclar mais fácil com esse meio e não ser tão notada.** E as vezes eu sinto que eu simplesmente quero vir de top justo e short justo, mas eu não tenho esse culhão digamos assim (Bianca, 2023; grifo do autor).

Uma das maneiras pelas quais as mulheres skatistas têm resistido às normas de gênero preexistentes é através da escolha de roupas largas não só durante a prática do esporte, mas no espaço público de modo geral. Isso se traduz em calças largas, camisetas *oversized* e outras peças de vestuário que minimizam a exposição das curvas corporais. A escolha por roupas largas é uma estratégia consciente de muitas atletas para evitar a objetificação sexual e o assédio por parte dos homens cis, espectadores ou não, durante a prática esportiva (Steinfeldt, Zakrajsek, Carter, & Steinfeldt, 2011).

No depoimento da Bianca, vestir-se com roupas largas pode ser entendido como uma estratégia de resistência contra as normas de gênero opressivas que permeiam o ambiente do skate. Neste contexto do esporte no espaço público, as roupas “masculinas” funcionam também como uma espécie de armadura, protegendo as skatistas femininas

do assédio vindo de homens cis. A escolha de vestir-se de uma certa maneira, portanto, não é meramente uma decisão pessoal e estética, mas está intrinsecamente ligada ao assédio e violência machista no espaço público. A apropriação dos signos da masculinidade através das vestimentas e roupas pode se dar, no caso das mulheres, por opções estéticas e pessoais, mas também, e seguidamente de modo simultâneo, para se mesclar e não ser notada pelos olhares e atitudes violentas de assédio. Há uma ambiguidade na fala da Bianca entre gostar das roupas de skate, mas também ter que se conformar a elas para se proteger e se incorporar ao grupo de homens skatistas.

A desconstrução dos padrões estéticos no contexto do esporte, especialmente no skate feminino, desempenha um papel significativo na promoção de uma visão não-binária e fluída do gênero. As escolhas de vestimenta das skatistas mulheres demonstram uma pluralidade de estilos e uma rica diversidade de expressões de gênero. Ao passo que também informam sobre as violências e os assédios que a possível utilização de roupas mais “femininas” acarretaria dentro do espaço público e esportivo.

No skate feminino, as escolhas de vestimenta desafiam não apenas os padrões estéticos convencionais, mas também as normas de gênero historicamente associadas ao esporte. A presença de skatistas mulheres, frequentemente desafiando estereótipos tradicionais, introduz uma nova dinâmica na construção das masculinidades no skate. As vestimentas comercializadas como masculinas ao serem adotadas por skatistas mulheres tornam-se uma forma de expressão consciente que vai além da resistência cultural do skate. Elas também são um meio de redefinir as narrativas de gênero dentro da própria comunidade de skatistas, embora também expressem, como no caso de Bianca, o receio das mulheres de não serem notadas por suas qualidades esportivas, mas apenas pelos seus aspectos corporais objetificados pela cultura machista, como seios e bunda.

Assim, quando utilizadas por skatistas mulheres, as roupas largas têm tanto um papel na redefinição das masculinidades e feminilidades como também na defesa e na prevenção de possíveis assédios e violências machistas no espaço público e na própria comunidade de skatistas. Porém, o uso de roupas largas por skatistas mulheres não deve ser visto apenas como uma resposta à objetificação e ao assédio, mas também como uma afirmação de sua autonomia e identidade. Ao escolherem roupas que as fazem sentir confortáveis e seguras, as skatistas reivindicam o direito de ocupar esse espaço esportivo público sem serem definidas pelas expectativas binárias do sistema de sexo e gênero.

Vale ressaltar também que as roupas de skate desafiam as normas tradicionais da própria moda masculina tradicional, subvertendo padrões estéticos preestabelecidos da masculinidade tradicional. Por exemplo, os skatistas ao adotarem roupas muitas vezes emprestadas da cultura de rua, do hip-hop e do punk subvertem aos padrões de vestimenta mais ajustados como o terno (Antunes, 2020). Essa subversão não é apenas uma manifestação estilística, mas também um ato de transgressão que questiona não apenas a rigidez das roupas, mas os padrões estéticos tradicionais do gênero masculino.

Em suma, o processo dinâmico e subversivo de construção das masculinidades no esporte, impulsionado pelas escolhas de vestimenta, não apenas desestabiliza normas estéticas e de gênero, mas também se torna um veículo poderoso para as dissidências de gênero. As vestimentas no skate não são apenas uma extensão do corpo físico do e da skatista, são uma expressão consciente de resistência cultural e uma redefinição das masculinidades e das feminilidades no contexto amplo dos esportes e da cultura jovem (Antunes, 2020).

2.5 SKATE E PROTEÇÃO: FISCALIZAÇÃO E SEGURANÇA

No dia 12 de novembro de 2021, na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Porto Alegre, o Vereador Cassiá Carpes (Partido Progressista) protocolou, o Projeto de Lei (PROC. Nº 01197/21 - PLL 527/21) que “obriga o uso de capacete pelos praticantes de skate, como equipamento de segurança, nos locais do Município de Porto Alegre destinados a esse esporte.” A redação da exposição dos motivos da necessidade de aprovação do projeto de lei assim se apresenta:

Submetemos à apreciação e à consideração dos nobres vereadores o presente Projeto de Lei, que determina a obrigatoriedade do uso de capacete como equipamento de segurança para a prática de skate nas áreas destinadas ao esporte do Município. Recentemente tivemos a satisfação pela entrega do Trecho 3 da Orla do Guaíba, que não somente embeleza ainda mais a região e a Cidade, mas também traz benefícios e qualidade de vida à população. Dentre os vários equipamentos esportivos, destaca-se a maior pista de skate da América Latina, a qual se tornou uma referência na prática deste esporte, que vem conquistando cada vez mais adeptos, especialmente após o magnífico desempenho brasileiro nas Olimpíadas de Tóquio e nas demais competições internacionais. Embora se comemore a disponibilização pelo Poder Público de um equipamento esportivo de tamanha qualidade, há inúmeros relatos nas redes sociais, que inclusive levou à criação de perfil no *Instagram*¹⁶, de acidentes ocorridos por praticantes de skate na nova pista, o que nos alarmou pela gravidade das lesões, principalmente porque as pessoas estavam andando de skate sem o uso de equipamentos de segurança, em especial o capacete. Nesse

¹⁶ O perfil no *Instagram* ao qual o Projeto de Lei se refere é o *Orla of Meat*. Em tradução livre, seria ‘Orla de Carne’. O perfil publica cenas de quedas e tombos ocorridos na Orla Skatepark. Desde a primeira publicação no *Instagram*, a página teve grande repercussão e compartilhamentos pela comunidade de skatistas portoalegresenses.

sentido, preocupado em oferecer mais proteção e segurança às pessoas que praticam o esporte em nosso Município é que apresentamos a presente Proposição, determinando a obrigatoriedade do uso de capacete aos skatistas. Além disso, a nossa proposta prevê que, nos campeonatos de skate em nossa Cidade, caberá ao organizador ou responsável pela competição exigir a obrigatoriedade do uso do capacete pelos participantes, em especial no regulamento e nos materiais de divulgação do evento (PROC. Nº 01197/21 – PLL 527/21).

A partir da leitura desse trecho perguntei aos três entrevistados sobre qual a opinião deles a respeito da obrigatoriedade do uso de capacete na Orla Skatepark. Todos tiveram respostas similares, discordando da obrigatoriedade do uso de capacete. Todos partiram do ideal de liberdade individual e da dificuldade que seria fiscalizar e cobrar o uso do capacete por parte das autoridades. Porém, cada um expôs um ponto de vista interessante a partir dos quais é pertinente explorar suas perspectivas.

Bianca abordou a relação entre o uso dos equipamentos de proteção e a pressão externa por um maior rendimento esportivo no contexto da prática de skate, para além do Projeto de Lei 527/21 e da obrigatoriedade do capacete. Quando se expressou sobre os equipamentos de proteção (joelheira, cotoveleira, munhequeira) na Orla Skatepark e a percepção coletiva dos outros skatistas para com quem utiliza-los:

Ou tu é iniciante ou tu é muito bom... Juro, sinto essa pressão... "Quem é tu então na fila do pão querida? Tá andando bem, mas também não muito, e tá toda dura de tanto equipamento de proteção?" E se tu tá sem nada tu é simplesmente uma incógnita... porque tu pode ser tudo. Tu não tá usando nada, então tu pode ser tudo. Tu pode andar pouco e andar muito (Bianca, 2023).

Em resposta ao Projeto de Lei, Júlio evocou novamente o fato de o skate ser um esporte visual e o capacete influenciar no estilo de vestuário e na autoestima do praticante. A quebra da vulnerabilidade proporcionada pelos equipamentos de proteção entra em conflito com a imagem de um skatista destemido, resiliente e capaz, desencorajando os skatistas a adotarem práticas de segurança e autocuidado. Ele também fez uma diferença entre skatistas iniciantes e experientes, dizendo que iniciantes devem utilizar capacete e os experientes não necessariamente:

Bah... tu nunca entrou no *bowling*, e tu vai entrar no *bowling*, eu acho que é necessário tu usar proteção né? Porque tu não sabe nem o jeito que tu vai cair ainda. Mas conforme tu vai tendo prática e tu vai encaixando as manobras tu vai... claro que risco sempre vai ter mas eu acho que as vezes dá pra administrar esses riscos sabe. Talvez não obrigatório, mas incentivar o pessoal a usar, por que sim é bom, as vezes por alguém até tá dando um rolê casual e as vezes não tá de capacete e daí não poderia andar... **aí eu acho que não**

concordo com isso por que o skate é muito do visual né? Do estilo da pessoa e as vezes isso realmente muda a autoestima do cara, tá ligado? E as vezes o cara não tá por dá-lhe um rolê *hardcore* também tá? Por ir sereno não vai de capacete, eu acho que tá tudo bem, mas sempre tendo consciência dos riscos e que tu tá sujeito (Júlio, 2023).

É interessante a análise do Júlio de que a autoestima do skatista é perdida conforme a utilização do capacete. A estética do descuidado é parte constituinte do *skateboarding* e dos esportes radicais em geral. Por mais que se assuma os riscos e fale-se sobre a liberdade individual, o que parece realmente motivar e impedir a utilização de capacete é o ato de admitir a vulnerabilidade perante a comunidade de skatistas. A partir da fala de Júlio, é possível perceber que não seguir a estética do descuidado gera inseguranças e incertezas na autoestima do praticante, competindo até com a própria insegurança e incerteza de não utilizar os equipamentos de segurança e se lesionar.

Nícolas aborda a questão da obrigatoriedade do uso de capacete imposta pelo poder público municipal a partir do aspecto da subversão das leis. Ele entende que a subversão às leis oficiais, para além dos skatistas porto-alegrenses, é uma característica própria da comunidade de skatistas de modo geral:

Skatista não é o tipo de pessoa que gosta de seguir lei né? Pelo contrário. Mas é interessante, de certa forma, agora é mais uma preocupação que vai existir, caso ocorra né? Pro poder público fiscalizar entendeu? Então é quase inviável (Nícolas, 2023).

O skate é historicamente um esporte alvo de muitas regulações e proibições municipais ineficientes (Brandão, 2016). Quando Nícolas se refere a mais uma preocupação, ele se refere ao decreto municipal nº 21.218, de 22 de outubro de 2021, e às constantes tentativas fracassadas de proibir a utilização da Orla Skatepark por praticantes de outros esportes radicais (*BMX, scooter e roller-in-line*)¹⁷ que não seja o skate.

O decreto municipal nº 22.042, de 23 de junho de 2023, foi outra regulação que fracassou no trecho 03 da Orla. A proibição de consumo de bebida alcoólica e som alto após a meia-noite pelo poder municipal, motivada pelas frequentes festas que se realizam nas arquibancadas da Orla Skatepark foi suspensa pela Justiça poucos meses depois. Essas duas regulações se mostraram ineficazes e inúteis para Nícolas, levando-o a desacreditar na possibilidade de obrigarem os skatistas a usarem capacetes.

¹⁷ *BMX* é termo em inglês para uma bicicleta em proporções menores que facilita a agilidade de manobras radicais. *Scooter* é o termo em inglês para patinete. *Roller-in-line* é o termo em inglês para os patins com a disposição das rodas em linha reta.

A Guarda Municipal de Porto Alegre é a responsável pela segurança dos trechos 01 e 03 da Orla, assim como pela fiscalização da utilização exclusiva da Orla Skatepark pelos skatistas. Os skatistas que, nos trechos da Orla do Guaíba, mas fora da pista, são infratores e perseguidos pela Guarda Municipal (Biagin, 2023), são paradoxalmente, no contexto da Orla Skatepark, a favor do decreto municipal nº 21.218/21, e acionam a Guarda Municipal para regular esse espaço público. Ou seja, acionam a Guarda Municipal para o cumprimento da exclusividade da pista para os skatistas e para os guardas expulsarem os ciclistas do espaço da pista.

As disputas e alianças entre as masculinidades militares e policiais e as masculinidades alternativas na Orla Skatepark são dignas de espanto, dada as controvérsias e paradoxos existentes nessas dinâmicas sociais. Se, por um lado, as masculinidades militares são constituintes dos esportes olímpicos e modernos (Thomaz, Santos & Toledo 2021), por outro, elas regulam o espaço público onde os skatistas comumente subvertem a ordem e as leis. Ou também se, por um lado, as masculinidades militares e policiais perseguem os skatistas no espaço público, no contexto da Orla Skatepark elas se aliam às masculinidades alternativas de skatistas na exclusão de ciclistas e patinadores do espaço público. Essa dinâmica social demonstra o quão diferente as masculinidades se apresentam na subcultura do skate dependendo dos contextos geográficos e espaciais (Hearn, Biricik, & Joelsson, 2014 apud Carr, 2017).

Bianca também fez colocações duvidando da eficácia do Projeto de Lei 527/21. Ela trouxe a perspectiva da desigualdade econômica dentro do esporte, compreendendo como inviável a demanda econômica que advém da aquisição de capacete por parte dos skatistas amadores. Assim como o Nicolás, ela percebe que os skatistas são subversivos e rebeldes, ou seja, pessoas que não seguiriam facilmente uma lei proposta pelo poder público municipal:

Eu gostaria de fazer perguntas pra esse Projeto de Lei. Do tipo assim, vai ter alguém fiscalizando se os praticantes vão estar usando? Se não tiverem usando ou não tiverem capacete o que vai acontecer com eles? Não vão poder andar de skate? Eu acho que... como eu vou dizer... Eu entendo a motivação desse projeto de lei no sentido de tipo é um esporte radical, as pessoas podem se ferir de uma forma a ficar mentalmente, tipo vamos dizer, aleijado. Tipo se tu cai de cabeça, dá um bagulho, dá um derrame, sei lá, tu muda quem tu é e tu muda complementemente a tua vida, ok... existe esse risco. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que é frágil instituir esse projeto de lei sem uma boa arquitetura de como ele vai funcionar. No sentido de então a gente vai disponibilizar capacete pros praticantes de skate? Ou então, a prefeitura vai dar um incentivo pros atletas comprar o seu capacete? Ou quem que vai cuidar de quem tá andando de skate de capacete ou não? Vai ter que ir pra

casa e não vai poder andar na pista sem capacete mas vai ter que andar na rua sem capacete... Aí vai andar no meio dos carros sem capacete... então assim, tudo depende, essa fiscalização na minha concepção de como as coisas funcionam aqui em Porto Alegre, ela vai falhar brutalmente, tá ligado? Ela vai falhar brutalmente, e vai ser mais uma coisa tipo...pra “fuder” a prática do esporte. Pra encher o saco de skatista que já é rebelde por natureza (Bianca, 2023).

Na sequência da reflexão sobre o Projeto de Lei 527/21, Bianca expõe a sua opinião a respeito do perfil *Orla of Meat* no *Instagram*. Ela demonstra uma opinião bem contrária à exposta pelo vereador Cassiá Carpes, compreendendo como são percebidas as postagens do perfil online na visão de alguém que pratica o esporte:

De alguma forma a nossa sociedade preza pela saúde, pelo comportamento, pela etiqueta, pela postura... vamos dizer, pela não-dor, a gente nunca quer sofrer sabe. A gente não quer ver a desgraça, não quer se machucar, não quer ver sangue. E aquilo ali é uma afronta, porque a gente acha engraçado, é tipo assim, um esculacho... É uma sátira. É uma sátira com o corpo humano, é uma coisa tipo, olha ali o cara quebrou o cotovelo “HA HA HA, *DAGGER*” [tradução do inglês: incisivo], entendeu? É uma coisa do tipo, “Uau... ele é arriscado”. E isso de alguma forma... eu acho isso subversivo. Endeusar o machucado e a dor é subversivo... porque a gente quer acertar e não quer cair e só se dar bem em todos os termos da vida. Claro que eu tô levando pra um lado subjetivo, né? Porque realmente dói, as pessoas se quebram e ficam aleijadas, tem suas rotinas afetadas pelos machucados do skate né?... Mas é como se fosse, tipo, uma não importância do corpo de alguma forma, eu quero mandar essa manobra e eu quero me arriscar, eu quero correr esse risco e tô disposto a quebrar tornozelo, torcer meu cotovelo, rasgar todos os meus braços e sair lanhado... porque eu vou me recuperar depois, e tá tudo bem. Eu vou correr esse risco no sentido de não tenho medo e no sentido de coragem. E como eu falei, acho tudo isso subversivo, e eu adora coisas subversivas. Então, eu não acho de todo mal a página *Orla of Meat*, mas eu tenho amigas que não seguem essa página. Elas andam de skate e preferem não seguir porque ficam achando que aquilo vai internalizar o tombo que aquilo vai não sei o quê. Eu já acho bom, acho bom. Não vejo como um incentivo pras pessoas vão lá e se quebrem na Orla pra aparecer na página. Eu não acho um incentivo, até porque eles só postam o que tá gravado né? Ninguém é tipo “tu vai ser contratado pra cair e a gente te filmar, sabe?” Nunca é assim, tu foi e caiu e gravaram e tu vai aparecer. Então assim, eu admiro essa cultura do skate de desapego à dor e ao corpo e a essa coisa física e tudo em nome de uma sensação (Bianca, 2023).

Nesse momento da entrevista, Bianca demonstra mais uma vez a relação próxima que as redes sociais têm no nicho de skatistas. O espaço virtual, além de ser público, permite que a divulgação das imagens seja espalhada amplamente pela comunidade de skatistas (Thorpe, 2016). Bianca expressa que a valorização e espetacularização da dor e do machucado tem um tom subversivo dentro da sociedade contemporânea que valoriza

o controle da saúde corporal e do rendimento esportivo (Elias e Dunning, 1986 apud Morrissey, 2008). Pela perspectiva de Lupton (1999 apud Morrissey 2008), os gostos da juventude pela excitação ao risco são compensatórios ao controle civilizatório.

A valorização dos tombos, lesões e machucados é entendida pelos skatistas como parte necessária à prática de skate (Petroni, 2010). Por se tratar de vídeos de tombos e falhas, há uma relação oposta entre o sucesso esportivo de competição com o protagonismo midiático (Geckle & Shaw, 2022). Essa oposição gera uma democratização à veiculação de imagens na mídia de *skateboarding*, ao possível reconhecimento e à “viralização” de conteúdos nas redes sociais, sem precisar realizar uma grande manobra com grau técnico profissional. A solenização coletiva da dor (Wacquant, 1998) no contexto esportivo e a partir das redes sociais fazem do skatista alguém passível de admiração coletiva dentro da sua própria comunidade.

Por ser uma mulher, Bianca precisa negar não só a fragilidade do corpo humano nos esportes modernos, mas também a negar a “fragilidade feminina” nos esportes radicais. Tais normais binárias são presentes nos esportes modernos como um todo (Kidd, 2013), mas reforçadas ainda mais dentro da comunidade de skatistas homens cis, como relatado por ela em trechos anteriores. Tais subversões sociais e corporais geram a construção de uma “masculinidade feminina” ou de uma “feminilidade alternativa” pelas mulheres cis (Kelly, Pomerantz & Currie, 2005). Dentro dos esportes, essas subversões partem comumente da demonstração de resistência física e corporal ao negar os estereótipos de feminilidade como constituída pela fragilidade emocional e física (Finley, 2010).

A *Orla of Meat* é gerida apenas por homens cis, que, tendo em vista o sucesso midiático do perfil no *Instagram*, comercializam roupas e produtos estampados com o nome da página em letras estilizadas simulando sangue humano. No artigo “*Failure and Futurity: The Transformative Potential of Queer Skateboarding*”, as autoras Geckle e Shaw (2022) fazem uma análise sobre o perfil no Instagram chamado *Hall of Meat* com mais de 2 milhões de seguidores. Esse perfil serviu de inspiração à criação da *Orla of Meat* em Porto Alegre, tanto nos conteúdos como no próprio nome. Na análise das autoras, a difusão midiática das falhas e tombos de skate tem um potencial enorme de subversão e *queerness* dentro da sociedade que prega a saúde e a conformidade. Porém, quando tais representações são apropriadas por homens cis acabam gerando um efeito reverso de reforçar o ideal viril de masculinidade. Em suas palavras:

Da mesma forma, cair é muito mais do que apenas uma prática comum de persistência no skateboarding. A repetição performática do fracasso estiliza o skateboarding com uma estética *queer* infantil e exagerada. Os skatistas obtêm um prazer perverso com o fracasso e o encorajam independentemente do sucesso, assistindo a *reels*¹⁸ de tombos que compilam imagens de quedas dramáticas e imortalizam os maiores fracassos no “*Hall of Mea*”. No entanto, embora esta celebração do fracasso tenha um potencial *queer*, muitas vezes regressa aos valores heteronormativos do sacrifício corporal ‘macho’ e da resistência que contribuem para o eventual sucesso dos skatistas. O fracasso *queer* não deve ser amenizado, recuperado ou resgatado como perseverança na busca pelo triunfo. É o fracasso pelo fracasso, não redimido pelo sucesso. Ainda assim, o skateboarding proporciona outras formas de manter uma prática *queer* do fracasso (Geckle & Shaw, 2022, p. 137).

2.6 SKATE E SAÚDE: LESÃO E RISCO

Durante o ano de 2023, o entrevistado Nicolás teve dois acidentes praticando o esporte que obrigaram ele a fazer procedimentos cirúrgicos seguidos e, conseqüentemente, parar de praticar o skate por algum tempo. No primeiro acidente, eu estava presente. Quando aconteceu, estávamos eu e ele andando de skate na Orla Skatepark. Enquanto realizávamos a entrevista, ele estava com a segunda cirurgia com data marcada e, por isso, tivemos que adiantá-la ao máximo. Mesmo o acidente tendo acontecido enquanto estávamos juntos e eu ter prestado ajuda para ele no momento, até a data da entrevista tínhamos conversado pouco ou quase nada sobre o fato e sobre as cirurgias. Esse foi um dos primeiros momentos em que eu e ele tivemos a oportunidade de conversar sobre o caso até então. Quando perguntei sobre qual era para ele a relação entre skate e saúde, ele disse:

Olha (risos), depende se tu se quebra não tem saúde, né? Mas enquanto tu pratica o esporte... **Essa pergunta me pegou de surpresa.**

De certa forma o esporte ele ter traz mais saúde quando tu pratica ele, mas tem o outro lado – né? – que se tu se machuca tu é obrigado a parar. Então eu acabei vivendo os dois lados da moeda, que eu estou saudável também pela prática do skate, acredito. Mas acabei me machucando e preciso ficar parado agora uns meses (Nicolás, 2023; grifo do autor).

A surpresa de Nicolás ao abordar questões relacionadas ao tema revela a relutância dos homens cis em falar e cuidar de sua própria saúde entre si. São poucas as vezes que esse assunto é tratado entre dois homens cis, sejam eles skatistas ou não. A vulnerabilidade do corpo masculino deve ser sublimada aos outros homens; não expor suas fraquezas e sensibilidades é uma das maneiras que os homens cis encontram de reafirmar sua resistência física e virilidade. Dentro dos esportes e, mais especificamente,

¹⁸ *Reels* é o um formato de visualização de vídeos curtos e rápidos da rede social *Instagram*.

dentro do contexto dos esportes radicais, há uma dificuldade ainda maior dos atletas em falar sobre a saúde e sobre o autocuidado (Gieseler, 2019). A dificuldade de homens cis héteros em falar sobre saúde física e mental ou de ter autocuidado é demonstrada por outros estudos em diferentes áreas do conhecimento e da sociedade (Pinheiro & Couto, 2008).

Os dois acidentes recentes de Nicolás são um ponto de reflexão interessante sobre a importância da segurança no esporte, mas também sobre como a construção social das masculinidades afeta a saúde. Os acidentes revelam como as normas culturais de sexo e gênero dentro da subcultura do skate influenciam as decisões sobre o risco, a proteção e a segurança corporal dos praticantes e atletas. A resistência em falar sobre saúde e autocuidado no skate pode ser atribuída à masculinidade hegemônica que historicamente valoriza a bravura, a invulnerabilidade e a disposição em assumir riscos (Kimmel, 1992; Connell, 1995). Conforme visto antes, a adoção de medidas de segurança, como o uso de capacetes e equipamentos de proteção, pode ser percebida como uma admissão de vulnerabilidade ou uma falta de habilidade técnica no esporte. A postura de gosto pelo risco e vulnerabilidade é verificada na entrevista com o Júlio, ao dizer que sente mais adrenalina quando, ao andar de skate na rua sem equipamentos de proteção, tenta disputar o espaço urbano com os carros em trânsito:

Bah... eu me lembro que ontem mesmo eu tava ou anteontem eu tava andando e tinha dois carros, um estacionado e outro andando bem devagar assim e eu tinha que passar entre eles... Eu tava rápido e eu tava de mochila e vi que ia dar "ali", tá ligado? E daí antes de chegar no carro eu tirei a mochila e segurei ela mais alto na minha frente e consegui passar no limite assim. E eu acho que os carros também acabam sendo um desafio maior, assim, uns obstáculos inesperados, assim sabe? Claro, o cara tem que ter mais cautela, assim, mas dá uma adrenalina boa, até eu noto que eu sou muito mais pela adrenalina de, sei lá, qualquer errinho ali tu pode se dar muito mais mal (Júlio, 2023).

Ele assume o gosto pelo risco e pela falta de cumprimento das regras urbanas de tráfego seguro, mesmo admitindo que, na rua é onde qualquer erro pode ocasionar um acidente bem mais grave do que um simples erro na Orla Skatepark. As possibilidades de lesões e machucados estão presentes em qualquer atividade física, mas em um esporte radical como o *skateboarding* são maiores ainda (Vaca, et al., 2005). Júlio, assim como Nicolás, ressalta também a importância da prática do esporte no bom condicionamento físico e desempenho corporal:

Bah... pra mim é uma relação de tu fazer um exercício porque o skate demanda de muita energia, tá ligado? Tu faz um cardio andando de skate e

acaba te tirando daquela de ter que ir pra academia se tu quer fazer um exercício, ficar naquela mesma coisa de sempre, tem que fazer academia desse jeito. Se o cara vai andar de skate o cara se exercita, então é muito bom até pra ter um esporte, um exercício diferente pra não ficar na mesma (Júlio, 2023).

Na relação entre saúde e skate, Júlio subverte a noção convencional de que o condicionamento físico se restringe aos ambientes fechados e controlados de academias, ginásios e estádios. Ele enxerga a prática de skate ao ar livre como uma alternativa válida de exercício, um ponto de vista no qual a concepção de esporte radical é centrada (Pociello, 2015). Ao escolher práticas de exercício alinhadas ao prazer pessoal e à liberdade individual, Júlio desafia as expectativas hegemônicas de masculinidade ao passo que, concomitantemente, reforça a masculinidade alternativa. Afinal, a liberdade individual e corporal são características típicas das masculinidades alternativas, seja dentro da comunidade de skatistas ou fora dela (Houston 2012).

Já Bianca, ao ser questionada sobre a saúde dentro do skate, conseguiu extrapolar apenas a noção de saúde física como no caso dos dois entrevistados homens. Ela ampliou a visão sobre a relação entre skate e saúde compreendendo a prática do esporte em espaços públicos como um lugar onde a saúde mental e emocional é muito exigida e trabalhada por ela:

Eu até acho que é mais uma saúde emocional do que física. Vou falar bem a real agora, porque em termos de saúde física tem outros esportes que eu prefiro praticar quando eu quero tipo assim gastar energia e gastar calorias, descarregar digamos assim. Que seria corrida, basquete, *yoga*. Que são coisas que, tipo assim, eu faço uma hora de intenso daquilo e saio acabada, e tá feito o treino do dia. O skate ele não é assim, tipo assim, eu venho pra cá... e tipo uma hora de skate é relativo. Tu nunca sabe quando tu vai render, as vezes tu sai de casa mas tu não tá naquele dia, não é o teu dia. Tu queria, mas não é o dia hoje. E aí tu só luta, sabe? E a diferença emocional é justamente essa, do tipo, tá mas porque que não é o dia? Tipo assim, tu tá insegura, entendeu? Tu tá com mais medo de cair hoje, por que tu tá com insegurança, sabe? Chegou na pista e teve ataque cardíaco, ficou nervosa... chegou na pista e ficou nervosa. Dá até vontade de cagar de tão nervosa as vezes... (risos) e aí? Vai fazer o que? Ataque cardíaco, insegurança ou excesso de confiança e erra uma coisa ridícula, tipo manda um negócio difícil, mas cai embalando sabe? Coisas assim, entendeu? Ou fazer uma coisa que tu já sabe, mas ficou nervosa... Então assim, **o skate mexe em lugares muito emocionais que sempre me fazem me dar de cara com coisas que tão dentro de mim que são: medo, insegurança, nervosismo, ansiedade, vamos supor essas quatro coisas... fazem eu encarar isso e tentar driblar isso**. No sentido de não, 'vamo', tá ficando confiante, 'vamo', tá ficando calma... sem nervosismo e sem medo também. Vamos estar ficando confiante e calma... basicamente é isso que o skate me comunica, vai dar tudo certo... Eu me obrigo a assumir essa posição interna pra conseguir andar as vezes. **Em termos de saúde emocional é**

muito bom, porque o skate trabalha esse campo que outros esportes não trabalham. Tanto essa questão da sociabilidade também assim... trabalha isso de alguma forma porque tu não quer ser inseguro na frente das pessoas, tu não quer ter medo na frente das pessoas, então as vezes é tipo... Tá com medo, tá insegura mas?... Entendeu? É basicamente isso (Bianca, 2023; grifos do autor).

Bianca explora as inseguranças psicológicas e emocionais dentro da prática do esporte, algo não encontrado de tal maneira em outros esportes que ela também pratica. Essa reflexão vai além da ideia de que o esporte serve apenas como um meio de busca de liberdade corporal, condicionamento físico e adrenalina. Essa diferença na percepção dela em relação a Nicolás e a Júlio, destaca uma possível maior facilidade que as mulheres cis em geral têm, na nossa sociedade, em se expor sobre sua saúde mental e emocional em comparação com aos homens cis (Alves, 2017). Ela não teve vergonha e nem poupou palavras para expressar suas vulnerabilidades psicológicas e emoções mais íntimas ao ser questionada sobre qual era relação entre skate e saúde.

Bianca também foi a única a expressar o sentimento de dúvida e insegurança sobre sua identidade skatista. Ela diz acreditar que há uma relação entre seu desempenho no skate e a maneira pela qual sente sua identidade em jogo por conta do bom ou mau desempenho em um determinado dia ou situação. É possível que Nicolás e Júlio também sintam essa insegurança sobre suas identidades, porém, ela foi a única a expressar esse sentimento de incerteza que acomete skatistas durante a prática:

Ou também, ah não é hoje? Tá beleza, não é hoje que vai rolar. Tudo bem que não é hoje, não quer dizer que sou uma merda, e que eu não sou uma skatista. Tem várias vezes que eu vou andar e daí não é o dia, não tô me sentindo bem. Ou realmente eu não tô preparada para mandar aquela manobra e daí eu volto pra casa me sentindo um lixo. Me sentindo uma derrotada, uma *poser*¹⁹, uma *fake*. Boto tudo em cheque. Eu não consigo nada, não tenho coragem de nada... eu sou uma bosta, como assim, eu acho que ando de skate? Já boto tudo em cheque e tipo cara... Calma. Tu anda de skate tri bem... Existem pessoas que realmente não andam de skate, mas tu é uma skatista. Tá tudo bem, a tua identidade não está em jogo e amanhã tu vai voltar e vai conseguir mandar essa merda de manobra, sabe? Então assim... *take it easy my brother*. Então, eu acho que tem vários desses campos assim, mas é isso, mental e emocional o skate trabalha muito (Bianca, 2023).

Por ser um esporte de maioria masculina, é compreensível que Bianca tenha uma maior insegurança acerca de sua identidade skatista. É mais comum a sensação de

¹⁹ *Poser* em tradução livre é 'Posador'. É muito utilizado na subcultura do skate para definir alguém que finge ou posa como skatista mesmo não sabendo praticar. Ou seja, alguém que gosta da estética, do visual e das roupas presentes na subcultura do skate mas não necessariamente de praticar.

poser vinda de mulheres skatistas (Abulhawa, 2020), por terem historicamente uma menor representação midiática na subcultura do skate em relação aos skatistas homens cis, ou por terem suas habilidades e técnicas contestadas ou diminuídas por homens cis (Kelly, Pomerantz & Currie, 2005).

2.7 UM ESPORTE PARA TODOS?

Na realidade, o corpo e o skate tornam-se uma coisa só enquanto ocorre a prática do skate. Pode-se dizer que o skate seria como uma prótese que será incorporada na ação do sujeito, ampliando suas possibilidades (Costa, 2010; p. 37).

Para além do próprio objeto do *skateboard* ser uma prótese ao corpo do praticante, na prática do esporte há tantas outras possibilidades de objetos e acessórios protéticos. Durante a prática é comum a utilização de outras próteses para além do *skateboard*, como, por exemplo: roupas, fones de ouvido, aparelhos celulares, equipamentos de proteção e capacete específicos. Todas essas próteses informam acerca de vários marcadores sociais como, por exemplo, gênero, classe, idade, raça, sexualidade, deficiência, etc...

Ao longo das três entrevistas, foi possível perceber relatos de que o skate é um esporte democrático e de acesso amplo, sobretudo por ser praticado na rua e no espaço público. Em diversos momentos das entrevistas também foi exposto como o esporte é inclusivo em termos de gênero, mesmo com algumas complexidades e ambiguidades.

Porém, uma análise apenas a partir da perspectiva das relações de gênero seria limitada e não compreenderia as diferentes intersecções de privilégios e opressões sociais possíveis de serem mapeadas dentro do esporte. As desigualdades econômicas foram algumas das diferenças sociais que foram mais expostas e articuladas pelos dois entrevistados homens.

Júlio percebeu a falta de acessibilidade ao skate a partir dos aspectos financeiros, pensando o quão caro é a prática de skateboarding e a manutenção dos equipamentos e principalmente do tênis durante a prática (Blümein *et al.*, 2010 *apud* Bugin, 2016). A partir da visão de Júlio:

O skate é algo que também é um esporte caro embora não pareça: “ah, tu só precisa ter um skate” mas *shape*²⁰ quebra, rolamento tu tem que trocar, o tênis gasta muito, então, tipo, a maioria da gurizada busca um jeito de recuperar o tênis, de não ter que trocar de tênis toda hora, tipo colar alguma coisa, sempre dá um jeito de reutilizar as coisas e as vezes acaba sendo

²⁰ *Shape* é a parte de madeira na qual posiciona-se os pés e dá suporte para os demais componentes e peças do skateboard.

muito caro, tu só ter o skate, então tu ter que ter o capacete e ter que ter mais coisa acaba ficando inviável, né? E quando é pra ser um esporte de acessibilidade também, né? E acho que se tu vai colocando muito pré-requisito pra tu andar de skate daqui a pouco vai diminuir muito a galera que pratica né? Então é algo que acaba sendo bem carinho assim né? Se tu vai ir. Ainda mais se tu vai querer algo com um pouquinho mais de qualidade. Tipo as peças padrão já não são baratas, aí se tu vai querer algo a mais pra melhorar o teu desempenho no skate acaba sendo algo bem caro mesmo. Então até por isso que tu ter que obrigar alguém a ter um capacete (Júlio, 2023).

É evidente, nas entrevistas com Nicolás e Júlio, uma maior facilidade em admitir diferentes opressões, como de classe, dentro da subcultura do skate do que o privilégio masculino e o machismo. Essas diferenças de abordagem nas opressões sofridas também por homens cis, como a de classe, mostra uma masculinidade subalternizada que assume a existência de opressões na sociedade. Porém, ter menor facilidade em assumir seu lugar de privilégio masculino e cisgênero dentro do sistema binário de sexo e gênero e na manutenção de certas opressões dentro do skate. A diferença de abordagem realça bem como a masculinidade alternativa se articula com a masculinidade subalternizada invisibilizando o machismo e assumindo a existência de outras opressões na subcultura do skate.

a masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível [...] Esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados (Kimmel, 1998, p. 105)

Outro aspecto sobre a acessibilidade merece ser levado em consideração: tanto Júlio quanto Nicolás, por serem oriundos da região metropolitana de Porto Alegre, é acessibilidade geográfica e de locomoção. Ambos relataram uma dificuldade no acesso a uma boa pista de skate na cidade onde moravam. Os dois voltaram a ter interesse pelo skate depois que souberam da existência da Orla Skatepark, em Porto Alegre:

Quando eu me mudei pra cá, eu pensei bom eu sempre gostei de skate e tem uma baita de uma pista nova pra andar. E eu sempre quis aprender a andar no *bowl* só que eu nunca tive a oportunidade de andar no *bowl* (Nicolás, 2023).

E como a gente se mudou aqui pra Porto Alegre né, a gente veio morar junto e ele trouxe o skate dele. Como tem a pista que também né... Ai facilitou (Júlio, 2023).

Nas análises das masculinidades hegemônicas e subalternizadas de Kimmel (1998), é sempre levada em conta o espaço geográfico no qual se constituem tais masculinidades, pois elas se diferenciam conforme a região e o local. A necessidade de mudar de cidade tornou mais fácil o acesso à um dispositivo de poder de tamanho porte, até então não acessado por eles. Há um reconhecimento pelos dois entrevistados da oportunidade que a Orla Skatepark trouxe para o desenvolvimento esportivo deles, se consolidou a partir da vida na capital do Estado.

2.8 SKATE E LONGEVIDADE: UM ESPORTE JOVEM?

Os esportes radicais, de modo geral, por conta de terem muito risco associado, tendem a ser praticados por jovens (Carr, 2017). O condicionamento físico e o rendimento do corpo jovem certamente são quase um “pré-requisito” para a grande quantidade de quedas e tombos necessários à prática do skate. Porém, para além apenas do rendimento corporal e físico dos praticantes, as representações midiáticas e imagéticas no *skateboarding* são predominantemente com adolescentes ou jovens adultos (Atencio *et al.*, 2009; Backstrom, 2013; Kelly *et al.*, 2006; Lombard, 2010; Macdonald *et al.*, 2006; Pomerantz *et al.*, 2004; Weller, 2007; Willard, 1998; Woolley and Johns, 2010 apud O’Connor, 2017).

Os esportes radicais, por serem esportes recentes em relação aos esportes modernos tradicionais, carecem de representações de pessoas idosas em diversos aspectos, como em competições, revistas, vídeos, etc... Talvez, no momento presente, esse cenário esteja mudando um pouco por conta da primeira geração de skatistas da década de 1970 estarem ingressando na terceira idade. Porém, é notória a diminuição na representação que esses skatistas tiveram ao longo de seu envelhecimento.

Tal como o machismo, o etarismo é uma opressão que a subcultura do skate reproduz invariavelmente por estar imersa em uma sociedade estar marcada por esse preconceito. Porém, a reprodução dessas opressões se dá com mais intensidade por ser um esporte radical associado a uma masculinidade jovem. Quando questionado sobre até que idade pretende andar de skate, Júlio respondeu:

Bah... isso eu acho que fico meio na *bad*. Mas eu quero andar o máximo que der – sabe? – por isso eu também penso muito na questão de ir com calma pra eu poder ter uma longevidade dentro do skate – sabe? – não ser algo que eu vou andar nos meus 20 e depois parar. É algo que eu quero levar pra vida, assim, e tendo isso em mente ter mais paciência pra ir com

mais calma pra poder ser algo mais presente na minha vida do que ser só um romance de carnaval assim, tá ligado? (Júlio, 2023).

Assim como Júlio, Nicolas também pretende praticar *skateboarding* o máximo possível e não só durante a juventude: “Olha, eu pretendo praticar skate enquanto eu estiver vivo. Eu acho... porque é muito bom, é muito bom praticar skate” (Nicolas, 2023).

A resposta de Bianca foi consideravelmente diferente dos dois entrevistados homens. Ela pretende um dia parar de praticar:

Ai, acho que até uns 50 anos. Cinquentinha tá bom. Porque depois.... Ah, ficar levando a coisa, comprando skate, entendeu? Na velhice eu tenho planos de quando eu tiver chegando lá no momento de aposentadoria eu quero me retirar e ir pro meio do mato. Quero fazer assim uma coisa de ritual da velhice, eu tenho questões espirituais vamos dizer... E o skate acho que simboliza uma parada mais tipo juventude e um momento adulto também, mas ativo. Quando eu tiver chegando nessa fase da vida mais... Quer dizer, eu não acho que seja aos 50 anos. Então, eu acho que o skate pega essa parte radical e toda a questão da dor e da “quebraçada”. Eu não tô por correr esse risco lá, então assim, acho que até uns 50 anos já ter andado pra caralho e já estar só na embaladinha, *rock'n'roll*, *fifty*, *ollie*²¹, quem sabe até lá. Mas, assim, de canto – sabe? –, levar meus filhos se eu tiver pra dar um rolê. Ficar observando, levar e incentivar. Mas eu pretendo até os cinquentinha tipo “Fui skatista quando eu era jovem” (Bianca, 2023).

A diferença de perspectiva de Bianca, em relação aos dois entrevistados pode ser compreendida pela menor representação feminina cis de terceira idade na mídia do *skateboarding*, pois, quando há algum idoso praticando o esporte nas mídias especializadas, é, na maioria das vezes, algum homem cis skatista e *oldschool*²², considerado como um dos patronos da história do esporte. Outro fato possível para uma diferença de perspectiva sobre a longevidade no skate entre os entrevistados é a expectativa de vida ser maior entre as mulheres do que entre os homens, por uma maior exposição desses últimos ao risco (Alves, 2017).

²¹ *Rock'n'roll*, *fifty* e *ollie* são nomes em inglês de manobras do skate. Essas três manobras são consideradas fundamentais e básicas para os praticantes do esporte. E assim como a maioria do vocabulário de peças e manobras, não tiveram uma tradução específica para o português.

²² Adjetivo atribuído à skatistas das primeiras gerações, principalmente da década de 70 e 80, como Tony Hawk, Christian Hosoi e Tony Alva. Tradução livre: ‘Escola Antiga’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visibilidade de Rayssa Leal contribuiu para uma mudança na percepção do skate, promovendo a diversidade de gênero e inspirando outras mulheres cis a se envolverem no esporte. A inclusão do skate nas Olimpíadas trouxe uma validação institucional e influenciou positivamente as atitudes em relação à igualdade de gênero na subcultura do skate, embora persistam desafios, como a questão da inclusão de pessoas trans e intersexo em eventos esportivos. A elevação do skate à categoria olímpica no século XXI demonstra sua crescente visibilidade e comercialização, inclusive no Brasil, onde políticas públicas têm apoiado sua expansão através da construção de pistas públicas.

Os Jogos Olímpicos Modernos, idealizados pelo barão Pierre de Coubertin no final do século XIX, foram fundados com a intenção de promover valores de universalidade e paz mundial, mas acabaram inicialmente direcionados a um público masculino cis restrito e ligados aos ideais aristocráticos de virilidade e eugenia. A construção dos ideais esportivos modernos, embora iniciada na Europa, foi gradualmente disseminada pelo Brasil, através da Missão Militar Francesa. Esses ideais estavam ligados à disciplinarização dos corpos e à promoção de valores de virilidade e amadorismo entre os homens atletas.

No entanto, surge o questionamento sobre como foi possível conciliar os esportes radicais com os princípios ditos “civilizatórios dos esportes modernos”. Esses novos esportes californianos enfatizam uma prática auto-organizada e a utilização da rua como espaço esportivo, refletindo transformações nas atitudes e valores culturais da sociedade contemporânea. O conceito de esportivização, desenvolvido por Elias e Dunning, ajuda a compreender a institucionalização e espetacularização dos esportes modernos e dos esportes radicais, assim como as mudanças sociais ocorridas nos esportes em geral durante o século XX.

No skate, aspectos como liberdade de expressão, não-competitividade e transgressão espacial são apontados por Beal (1996) como atrativos para o público masculino cis jovem. Beal também questiona por que os skatistas homens cis, apesar de redefinirem comportamentos masculinos, ainda reproduzem relações patriarcais dentro da subcultura do skate. Ela destaca que, embora o skate represente uma forma de resistência ao redefinir a masculinidade hegemônica e tradicional, também reproduz valores patriarcais ao construir uma masculinidade alternativa. Para aplicar esses conceitos para o contexto de Porto Alegre, foi utilizada a metodologia da história oral

temática com três skatistas locais da Orla Skatepark. A maior pista de skate da América Latina, destaca-se pela sua recente inauguração e, do ponto de vista acadêmico, pela ausência de trabalhos históricos a seu respeito. Com base na análise das entrevistas foram construídos diferentes subcapítulos a partir de eixos temáticos em um intercruzamento com as discussões sobre as variadas masculinidades identificadas como presentes nesse espaço público.

O primeiro subcapítulo explorou as experiências iniciais dos/a entrevistados/a no mundo do skate, destacando a ausência de influências femininas em seus primeiros contatos com o esporte. Todos/a os/a entrevistados/a mencionam referências masculinas, como colegas de escola, vizinhos, amigos, pais e namorados, como os principais impulsionadores para começarem a praticar skate. Essa predominância de figuras masculinas na introdução ao skate ressalta a natureza historicamente da comunidade de skatistas, na qual a presença masculina é naturalizada e a masculinidade é expressa e acessada por meio da coletividade e socialização masculina no skate. Também foi possível destacar a importância da história do Marinha Skatepark e sua proximidade com a Orla Skatepark.

Na sequência foi apresentada uma análise detalhada das perspectivas de skatistas entrevistados/a sobre as diferenças de gênero dentro dessa comunidade. Os/a entrevistados/a expressaram uma visão de igualdade de gênero, negando diferenças significativas entre skatistas homens e mulheres em termos de habilidades e técnica. No entanto, ao longo das entrevistas, emergiram reflexões críticas sobre as relações de gênero no contexto do skate. Enquanto alguns/a veem a presença de mulheres skatistas como uma realidade, outros/a destacam as complexidades e paradoxos das percepções de gênero na sociedade e no esporte.

No subcapítulo "Esporte Visual: Corpo e Vestimenta" foi abordada a importância da estética e da vestimenta na prática cotidiana do esporte. O skate, sendo inerentemente visual, valoriza não apenas a execução técnica das manobras, mas também a expressão pessoal e o estilo individual de cada skatista. A estética é central para a prática e apreciação do skate, sendo o estilo de roupa um dos aspectos essenciais para o reconhecimento da habilidade de um skatista. No skate feminino, as escolhas de vestimenta desafiam os padrões de gênero convencionais, introduzindo uma nova dinâmica na construção das masculinidades no skate. As roupas largas são uma estratégia de resistência contra as normas de gênero opressivas, protegendo as skatistas femininas do assédio no espaço público.

As redes sociais desempenham um papel crucial na expressão e na conexão da comunidade de skatistas, proporcionando uma plataforma para eles/as compartilharem suas habilidades e identidades. No entanto, também trazem desafios, como a pressão para o desempenho constante e a comercialização do esporte.

No subcapítulo 2.5, os/a entrevistados/a expressaram visões diversas sobre a obrigatoriedade do uso de capacete. Bianca destacou a pressão social percebida pelos skatistas em relação ao uso de equipamentos de proteção, sugerindo que a ausência desses equipamentos pode ser interpretada como um indicador de habilidade ou status no meio. Júlio, por sua vez, enfatizou a importância da estética e autoestima do skatista, sugerindo que a imposição do uso de capacete poderia afetar negativamente a imagem do praticante. Nicolás questionou a eficácia da aplicação da lei, considerando a natureza rebelde e subversiva da comunidade de skatistas em relação às regulamentações impostas pelo poder público.

No subcapítulo "Skate e Saúde: Lesão e Risco", destacou-se como a prática do skate pode afetar não apenas a saúde física, mas também a saúde mental e emocional dos skatistas. Evidenciou-se as complexidades envolvidas nessa subcultura e as diferentes formas como os skatistas lidam com os riscos e desafios do esporte.

No subcapítulo 2.7, as entrevistas revelaram que embora o skate seja frequentemente descrito como um esporte democrático e de acesso amplo, há nuances e complexidades sobre as masculinidades hegemônicas e subalternizadas. Júlio aponta a questão financeira como um obstáculo para muitos skatistas, destacando os altos custos dos equipamentos e acessórios necessários para a prática. Além das barreiras econômicas, também são discutidas as facilidades de acesso geográfico enfrentadas por skatistas como nas falas de Nicolás e Júlio que destacam a importância da Orla Skatepark em Porto Alegre como um local que facilitou o acesso e a prática do skate para eles.

No último subcapítulo foi abordada a relação entre a prática do skate e a longevidade dos skatistas, considerando a predominância de praticantes jovens e a escassez de representações de pessoas idosas nos esportes radicais. Apesar de a cultura do skate ser associada a uma masculinidade jovem, há uma tendência crescente de skatistas da primeira geração, dos anos 1970, ingressarem na terceira idade. Entretanto, a representação desses skatistas idosos é limitada. A opressão do etarismo,

assim como o machismo, é reproduzida na subcultura do skate, impactando a percepção sobre a longevidade na prática do esporte.

Nas três entrevistas, a maneira de falar dos skatistas foi permeada pelo uso contínuo de gírias e expressões em inglês, as quais refletem significativamente a influência da cultura estadunidense na subcultura do skate. Essa característica é parte de um processo mais amplo de globalização cultural, no qual a mídia, a internet e as redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação e na assimilação de tendências e linguagens. A influência da internet e das redes sociais acelerou a difusão da cultura globalizada, proporcionando um acesso fácil e imediato a uma variedade de conteúdos culturais, incluindo música, filmes e vídeos relacionados ao *skateboarding*. Essa exposição contínua gera uma apropriação de elementos culturais e comunicativos. Mas também uma apropriação das palavras do vocabulário estrangeiro, incorporando-as ao modo de falar sintático do português do Brasil.

Para concluir, vale destacar que essa pesquisa, obviamente, não esgotou todas as possibilidades de análises das masculinidades no skate brasileiro. Por exemplo: trazer a perspectiva das transgeneridades e intersexualidades no contexto esportivo e olímpico do skate me parece ser um caminho possível para novas pesquisas. Afinal, foi a partir da esportivização que o skate se alterou no tempo histórico e se adaptou às atuais regulações e equidades de gênero requeridas pelas instituições esportivas. Analisar os desafios que outras identidades de gênero inserem no programa olímpico é certamente um tema possível para além do skate, incluindo toda manifestação esportiva olímpica e institucionalizada. Historizar e mapear as, es e os skatistas *queers* e trans do Brasil parece ainda não ter sido executado em um trabalho acadêmico, sendo também, um tema possível dentro do campo das masculinidades no esporte.

O ano de 2024 é o ano das Olimpíadas de Verão de Paris, onde o *skateboarding* fará a sua segunda aparição olímpica. Certamente, surgirão novas análises e pesquisas em diversas áreas que englobem esse evento esportivo específico, assim como aconteceu com as Olimpíadas de Verão de Tóquio. Como foi demonstrado nesse trabalho, o calendário olímpico tem um papel crucial nas transformações sociais, culturais e esportivas do skate. Por isso, não seria enganoso acreditar que novas pesquisas sobre o skate tendem a surgir mais ainda dentro do atual ciclo olímpico.

Dentro do calendário olímpico, o evento mais aguardado para a subcultura do skate é as Olimpíadas de Verão em Los Angeles no ano de 2028, quando o evento será realizado no berço do *skateboarding* e dos esportes radicais. Possivelmente daqui a

quatro anos, seguindo as datas olímpicas, as narrativas e pesquisas sobre o skate e as masculinidades terão se expandido ainda mais. E é dentro dessa perspectiva que esse trabalho se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Editora FGV, 3 ed. Rio de Janeiro, 2005.

ALVES, Tahiana. Gênero e saúde mental: algumas interfaces. Coleção Working Papers ICS, Braga, 2017.

ANTUNES, Amanda. As mina no rolê: a presença das meninas na cena do skate carioca. Skate 360º, p. 43. PUCRIO, 2020

ATENCIO, Matthew; BEAL, Becky; YOCHIM, Emily Chivers. "It ain't just Black kids and white kids": The representation and reproduction of authentic "skurban" masculinities. *Sociology of Sport Journal*, v. 30, n. 2, p. 153-172, 2013.

AXT, Gunter. Manual de história oral. Ministério Público Militar, Centro de Memória, Brasília, 2016.

BÄCKSTRÖM, Åsa; NAIRN, Karen. Skateboarding beyond the limits of gender? Strategic interventions in Sweden. *Leisure Studies*, v. 37, n. 4, p. 424-439, 2018.

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Gustavo. Uma História do Torcer no Presente: Elitização, Racismo e Heterossexismo no Currículo de Masculinidade dos Torcedores de Futebol. Editora Appris, 2020.

BANDEIRA, Gustavo; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BASTOS, Billy; RIETH, Fernando. Esporte e estilo de vida: a trajetória social de skatistas patrocinado In: *Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Organizado por STIGGER, Marco; GONZÁLEZ, Jaime; SILVEIRA, Raquel. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

BATUEV, Mikhail; ROBINSON, Leigh. How skateboarding made it to the Olympics: an institutional perspective. *International journal of sport management and marketing*, v. 17, n. 4-6, p. 381-402, 2017.

BEAL, Becky. *Alternative masculinity and its effect on gender relations in the subculture of skateboarding*. *Journal of Sport Behavior*, 19(3), 204–220, 1996.

BIAGIN, Matheus. Pela rua: Experimentando a cidade através do skate. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, IFCH, UFRGS. Porto Alegre, 2023.

BLÜMEIN, Jürgen; SCHIMD, Daniel; VOGEL - Made For Skate: The Illustrated history of skateboard footwear. 2ª ed; Barkeley; Gingko Press, 2010.

BÖES, Guilherme Michelotto; DO AMARAL, Augusto Jobim. Skate e espaço público: profanações urbanas. Ética, direitos humanos e socioambientalismo, p. 170, 2022.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Bertrand, Rio de Janeiro, Brasil. 2012.

BOURDIEU, Pierre. Como Ser Esportivo. Editora Edusp, São Paulo, Brasil, 2007.

BRAGA, Adriana; CARAUTA, Alexandre. Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 43, p. 165-190, 2020.

BRANDÃO, Leonardo. História da proibição do skate em Blumenau/SC (1999-2007). Estudos Ibero-Americanos, v. 42, n. 2, p. 724-743, Porto Alegre, 2016.

BRANDÃO, Leonardo. Por uma História dos Esportes Californianos no Brasil: O caso da Juventude Skatista. PUC-SP, Tese de Doutorado (História Social), 2012.

BRANDÃO, Leonardo; MACHADO, Giancarlo. A pesquisa sobre skate nos programas de pós-graduação do Brasil: panorama e perspectivas. Recorde, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-21, jul./dez, 2019.

BRAYTON, Sean. "Black-lash": Revisiting the "White Negro" through skateboarding. Sociology of Sport Journal, v. 22, n. 3, p. 356-372, 2005.

BUGIN, Luís. Tênis para skate: projeto para o fim do ciclo de vida. Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design de Produto da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, 2016.

CAMARGO, Ivanhoé. O skate em Porto Alegre nos anos 1970: Uma história da primeira geração. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS/ESEFID, Porto Alegre, 2012.

CAPELLA, Lia. Confederação define parâmetros para participação de atletas trans nas competições de skateboarding. Disponível em: <https://ge.globo.com/sc/skateboarding/noticia/2023/09/29/confederacao-define-parametros-para-participacao-de-atletas-trans-nas-competicoes-de-skateboarding.ghtml>

CARPENTIER, Stéphane; CARTON, Elise. Skateureuses olympiques une révolution copernicienne. 2021.

CARR, John N. Skateboarding in dude space: The roles of space and sport in constructing gender among adult skateboarders. *Sociology of Sport Journal*, v. 34, n. 1, p. 25-34, 2017.

CLAUDIA DA SILVA PEREIRA. Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal V.17 - Nº 1 jan./abr p. 223-250, São Paulo, Brasil, 2023.

CONNELL, Raewyn. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. 1987.

CONNELL, Raewyn. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril, 2013.

CONNELL, Robert W. *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1995.

CORRÊA, Adriana. Porto Alegre: Maior pista de skate da América Latina será aberta no dia 23 de outubro. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/porto-alegre-maior-pista-de-skate-da-am%C3%A9rica-latina-ser%C3%A1-aberta-em-outubro-d5872c6f611>
Acesso em: fev. 2024.

COSTA, Gabriel Maschião da. Interloquções entre o skate e a psicologia a partir de uma análise ética, estética e política. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Psicologia - PUC/SP, 2010.

COUTO, Edvaldo; GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre, ESEFID/UFRGS, 2007.

DE BRITO, Leandro. “Enfrentar o vírus como homem e não como moleque”: quando a masculinidade tóxica se torna genocida. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 6, n. 2, p. 150-162, 2022.

DE PAULA, Raí; DA ROCHA, Fátima. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. *Revista Mosaico*, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, Santa Catarina vol. 4, n. 1.UESC, 2012.

DUPONT, Tyler. From core to consumer: The informal hierarchy of the skateboard scene. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 43, n. 5, p. 556-581, 2014.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Espanha: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. Quest for excitement: sport and leisure in the civilising process. Oxford University Press, 1986.

ELMÔR, Marilena. Masculinidade em jogo: Um estudo sobre papéis masculinos num grupo de adolescentes no futebol. 2002.

FARIA, Eliene. Jogo de corpo corpo do jogo: futebol e masculinidade. Cadernos de Campo, v. 18, n. 18, p. 65-86, 2009.

FERNANDES, Rita. Esportes Radicais: referências para um estudo acadêmico. Conexões-UNICAMP, v.1, n.1, p.96/105, jul/dez. Campinas, São Paulo, Brasil. 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes et al. História oral e multidisciplinaridade. 1994.

FERREIRA, Marieta História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, v.94, n. 3, p.111-124, maio/jun., Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

FERREIRA, Marieta. História, tempo presente e história oral. Topoi, UESC, Florianópolis, Brasil, pp. 314-332, dezembro, 2002.

FERREIRA, Marieta. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. Revista Tempo e Argumento, vol. 10, n. 23, janeiro, pp. 80-108. UESC, Florianópolis, Brasil, 2018.

FIGUEIRA, Márcia. Skate para Meninas: Modos de se fazer ver em um esporte em construção. Tese de Doutorado, UFRGS/ESEFID, 2008.

FIGUEIRA, Márcia; ALMEIDA, Thaís. Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. p. 115-129, 2007.

FINLEY, Nancy. Skating femininity: Gender maneuvering in women's roller derby. Journal of contemporary ethnography, v. 39, n. 4, p. 359-387, 2010.

FLECHA, Ramón; PUIGVERT, Lidia; RÍOS, Oriol. Las nuevas masculinidades alternativas y la superación de la violencia de género. International Multidisciplinary Journal of Social Sciences, v. 2, n. 1, p. 88-113, 2013.

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna. As pranchas do mar e do asfalto: a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas. trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, 2021.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico e as Heterotopias. Editora n-1, São Paulo, Brasil, 2013.

FREITAS, Leonardo. Ande de skate como uma garota: Uma análise das campanhas publicitárias com a skatista Rayssa Leal no ano de 2021. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Biblioteconomia Faculdade de e Comunicação da UFRGS, 2022

GECKLE, Bethany; SHAW, Sally. Failure and futurity: The transformative potential of queer skateboarding. *Young*, v. 30, n. 2, p. 132-148, 2022.

GIESELER, Carly. Learning to fail: adolescent resistance in extreme sports. *Journal of sport and social issues*, v. 43, n. 4, p. 276-295, 2019.

GOELLNER, Silvana; JAEGER, Angelita; FIGUEIRA, Márcia. Invisibilidade não significa ausência: imagens de mulheres em obras referenciais do skate e do fisiculturismo no Brasil. *Ex aequo: revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*. Vila Franca de Xira. N. 24 (2011), p. 135-148, 2011.

HEARN, Jeff; BIRICIK, Alp; JOELSSON, Tanja. Theorising, men, masculinities, place and space: local, national and transnational contexts and interrelations. In: *Masculinities and place*. Routledge, p. 27-41, 2016.

HOUSTON, Taylor. The homosocial construction of alternative masculinities: Men in indie rock bands. *The Journal of Men's Studies*, v. 20, n. 2, p. 158-175, 2012.

IGLESIAS, Patricia; URRUTXI, Leire; ARIZTI, Nekane. Masculinidades alternativas: un modelo para alcanzar la transformación desde la educación social. *Ciencia y Educación*, v. 5, n. 1, p. 147-158, 2021.

KELLY, Deirdre M.; POMERANTZ, Shauna; CURRIE, Dawn. Skater girlhood and emphasized femininity: 'you can't land an ollie properly in heels'. *Gender and Education*, v. 17, n. 3, p. 229-248, 2005.

KIDD, Bruce. Sports and masculinity. *Sport in society*, v. 16, n. 4, p. 553-564, 2013.

KIMMEL, M. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes. *Isis Internacional - Ediciones de las mujeres*, (17): 129-38, dic. 1992.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, v. 4, p. 103-117, 1998.

KUSZ, Kyle. *Revolt of the white athlete: Race, media and the emergence of extreme athletes in America*. Peter Lang, 2007.

LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Papirus, Campinas, São Paulo, Brasil, 1998.

MARCUS, Ben. *The skateboard: The good, the rad, and the gnarly: An illustrated history*. Mvp Books, 2011.

MCCARTHY, Brigid. 'Who unlocked the kitchen?': Online misogyny, YouTube comments and women's professional street skateboarding. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 57, n. 3, p. 362-380, 2022.

MCDUIE-RA, Duncan. Racial diversity in skateboarding: destabilising whiteness, decentring heartlands. *Sport in Society*, p. 1-18, 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2º ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MENDONÇA, Carlos; MENDONÇA, Felipe. "Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!" Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. *Galáxia*, São Paulo, 2021.

MONTEIRO, Ana Claudia; RAIMUNDO, Maria Paula; MARTINS, Bárbara. A questão do sigilo em pesquisa e a construção dos nomes fictícios. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, v. 9, n. 2, p. 114-123, 2019.

MORRISSEY, Sean. Performing risks: catharsis, carnival and capital in the risk society, *Journal of Youth Studies*, 2008.

MURRAY, Margaret Anne. White, male, and bartending in Detroit: Masculinity work in a hipster scene. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 49, n. 4, p. 456-480, 2020.

NARCISO F., & CARLA, A. *Espaço Público: Desenho, Organização e Poder: O Caso de Barcelona*. Novas Edições Acadêmicas, Lisboa, Portugal, 2013.

NETO, Francisco. O esporte moderno: em busca de uma definição adequada. *Revista Perfil* Ano IV - n. 4, 2000.

O'CONNOR, Paul. Beyond the youth culture: Understanding middle-aged skateboarders through temporal capital. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 53, n. 8, p. 924-943, 2018.

OLIC, Mauricio. *Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do Skate*". Dissertação (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2014.

ORTEGA, F. Hannah Arendt, Foucault e a Reinvenção do Espaço Público. *Trans/Form/Ação*, n. 24, 225-236, São Paulo, Brasil, 2001.

PEREIRA, J. G. de S., & PINTO, F. M. A relação com skatismo e seus saberes, v. 10, n. 22, p. 145-160, mai./ago, Sergipe, Brasil, 2017.

PETINELLI, Nicolás. como marcas se conectam com atletas como ativo estratégico: uma análise da utilização da Rayssa Leal pela Nike e Docile. Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, 2022.

PINHEIRO, Thiago; COUTO, Márcia. Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica. Cadernos de história da ciência, v. 4, n. 1, p. 53-67, 2008.

POCIELLO, Christian. Nouvelles pratiques, nouvelles valeurs: essai sur la transformation de quelques "milieux de culture" sportifs après les années 1980. Staps, n. 1, p. 13-31, 2015.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. n-1 editora, 2015.

PRECIADO, Paul B. Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 editora, 2018.

RIOS, Fábio; COELHO, Maria. Emoção e Masculinidade no Universo do Futebol no Brasil. cadernos pagu, 2020.

RIOS, Oriol. Nuevas masculinidades y educación liberadora. Intangible capital, v. 11, n. 3, p. 485-507, 2015.

SOARES, Carmen Lúcia. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) Cartografia de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SOARES, João Paulo Fernandes et al. "O choro do capitão": notas sobre performatividades de gênero e masculinidades no futebol profissional. Movimento, v. 22, n. 4, p. 1149-1161, 2016.

SOILGARD, Torbjørn et al. *New sports, COVID-19 and the heat: sports injuries and illnesses in the Tokyo 2020 Summer Olympics*. British Journal of Sports Medicine, december of 2022.

SOUZA, Aline. O relacionamento organização x público na web: uma análise do mercado de Skate Surf Wear. Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, 2015.

THOMAZ, Diego; SANTOS, Dionys; TOLEDO, Luiz. Ethos militar e masculinidades nos esportes olímpicos. Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021.

THORPE, Holly. Action sports, social media, and new technologies: Towards a research agenda. *Communication & sport*, v. 5, n. 5, p. 554-578, 2017.

THORPE, Holly. Bourdieu, gender reflexivity, and physical culture: A case of masculinities in the snowboarding field. *Journal of sport and social issues*, v. 34, n. 2, p. 176-214, 2010.

TODT, Nelson (org.). Reflexões olímpicas e dignidade humana [livro eletrônico]. Rio de Janeiro, Gama Assessoria Empresarial, 2021.

UEKUSA, Shinya. Surfing with Bourdieu! A qualitative analysis of the fluid power relations among surfers in the line-ups. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 48, n. 4, p. 538-562, 2019.

WESTERMAN, Mary E. et al. Heavy testosterone use among bodybuilders: an uncommon cohort of illicit substance users. In: *Mayo Clinic Proceedings*. Elsevier, 2016. p. 175-182.

WHEATON, Belinda; BEAL, Becky. Keeping It Real' Subcultural Media and the Discourses of Authenticity in Alternative Sport. *International review for the sociology of sport*, v. 38, n. 2, p. 155-176, 2003.

WHEATON, Belinda; THORPE, Holly. Action sports, the Olympic Games, and the opportunities and challenges for gender equity: The cases of surfing and skateboarding. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 42, n. 5, p. 315-342, 2018.

WILLIAMS, Neftalie. Colour in the lines: The racial politics and possibilities of US skateboarding culture. 2020. Tese de Doutorado. The University of Waikato.

YOCHIM, Emily A. Chivers. *"This is how I think": Skate Life, Corresponding Cultures and Alternative White Masculinities*. Tese de Doutorado (Comunicação). University of Michigan, 2007.

ANEXO A:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

BLOCO 1 - Identificação

- 1 - Você concorda com a utilização dessa entrevista para um trabalho acadêmico?**
- 2 – Qual a sua ocupação profissional e em qual bairro reside? Qual nome e idade?**
- 3 - Como você se define em gênero, raça e sexualidade?**

BLOCO 2 - Skate e Orla Skatepark

- 4 - Como você começou na prática do skate, o quê e quem te inspirou a começar a praticar?**
- 5 - Quando você começou a frequentar a Orla Skatepark?**
- 6 - Qual a modalidade de skate você mais gosta e qual parte da Orla Skatepark mais gosta?**
- 7 - Pra você qual a relação entre skate e sociabilidade?**

BLOCO 3 - Skate e Saúde

- 8 - Ler trecho do projeto de lei municipal 527/2021 e perguntar se concorda ou não, e por quê?**
- 9 - De quanto em quanto tempo você investe em materiais para skate?**
- 10 – Pra você qual a relação entre saúde e skate?**

BLOCO 4 - Skate e Valores

- 11 – Pra você quais as qualidades que alguém que anda de skate precisa ter?**
- 12 – Pra você há alguma diferença entre skatistas homens e skatistas mulheres?**
- 13 - Até que idade você pretende praticar skate?**